

Bateu na trave

Nesta edição, o Futebol é visto por outros ângulos.

Time de escritores brasileiros faz uma tabelinha entre certas jogadas e o cotidiano, em minicontos inéditos.

E mais:

Não sabe nada sobre o esporte bretão? Entenda o básico para não fazer feio.

Em entrevista, ex-craques relembram seu passado de glória.

Brasileiros espalhados pelo mundo têm suas reações registradas, via Skype, nos jogos da seleção.

Futebol filosófico

Em seus três anos, a **Continuum** elegeu, em suas edições, temas que fazem parte do universo da cultura. Em alguns momentos, as abordagens foram colhidas diretamente da programação do **Itaú Cultural**, que sempre oferece farto material para excelentes discussões. Em outros, a revista sentiu necessidade de olhar para fora a fim de investigar assuntos igualmente importantes, mas que não estão na pauta do instituto de forma intensa. Foi assim, entre outros casos, com as edições sobre Design, Samba, e, agora, Futebol.

Esta edição foi produzida enquanto torcíamos pelo Brasil na Copa do Mundo, embora você só a esteja lendo depois da grande final. É o tempo do jornalismo, com suas antecédências, que por vezes podem descompassar a vida real da vida retratada pela imprensa. Mas futebol é assunto que apaixona e não se esgota, então veja este número como um momento para conhecer, pensar e entender esse esporte sem se preocupar com quem se sagrou campeão mundial.

itaucultural.org.br

Além de reportagens que falam da história e da importância cultural do futebol e de sua relação com as várias expressões artísticas, a revista procurou injetar humor à pauta. Uma matéria em forma de infográfico traz um guia prático para aqueles que entendem pouco ou quase nada das minúcias de um jogo. Na Ficção, nove escritores nacionais aproveitaram o mote dado pelas jogadas e posições em campo para criar mininarrativas, às vezes saborosas, às vezes dolorosas, sobre os relacionamentos humanos. Outra matéria mostra as peripécias de torcedores para ver seus times ganhar, as quais vão muito além de uma simples superstição. E a revista inova ao publicar uma reportagem em forma de quadrinhos sobre a ascensão, a queda e o recomeço do gaúcho Juventude.

Você também pode participar! Veja como na seção **Convocação**, na página 28. Na sequência, conheça alguns dos trabalhos enviados por leitores, na **Área Livre**.

Continuum Itaú Cultural **Projeto gráfico** Jader Rosa **Design gráfico** Luciana Orvat e Ricardo Daros **Edição** Marco Aurélio Fiochi, Mariana Lacerda **Redação** André Seiti, **Produção editorial** Caio Camargo **Revisão** Denise Costa, Polyana Lima **Colaboraram nesta edição** Alexandre Teles, Ana Luiza Goulart Koehler, Arnaldo Carvalho, Augusto Paim, Bruno Zeni, Carlos Costa, Cintia Moscovich, Daniel Bueno, Denis Russo Burgierman, Garapa, Humberto Pimentel, Isabel Falleiros, Ivana Arruda Leite, Jean-Frédéric Pluvinage, José Roberto Torero, Leandro Sarmatz, Luís Carrasco, Marco Lourenço, Mariana Sgarioni, Mário Araújo, Micheline Verunschik, Moacyr Scliar, Rafael Correa, Ronaldo Bressane, Rubens Paiva, Samarone Lima, Tatiana Diniz, Vânia Medeiros, Wilson Inácio, Xico Sá **Agradecimentos** Celso Unzelte, Cristina Strutz (Clube Atlético Juventus), Deborah Nigri (Dain, Gandelman e Lacé Brandão Advogados Associados), Patrícia Valverde (Ediouro), Renata Beltrão (Ministério Público de Pernambuco), Rita de Cássia Pereira (Cruzeiro Esporte Clube)

capa Estádio do Juventus, São Paulo | foto: André Seiti

ISSN 1981-8084 **Matrícula** 55.082 (dezembro de 2007)

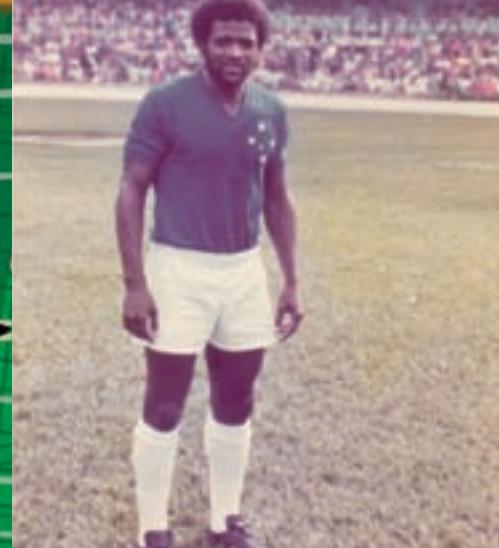
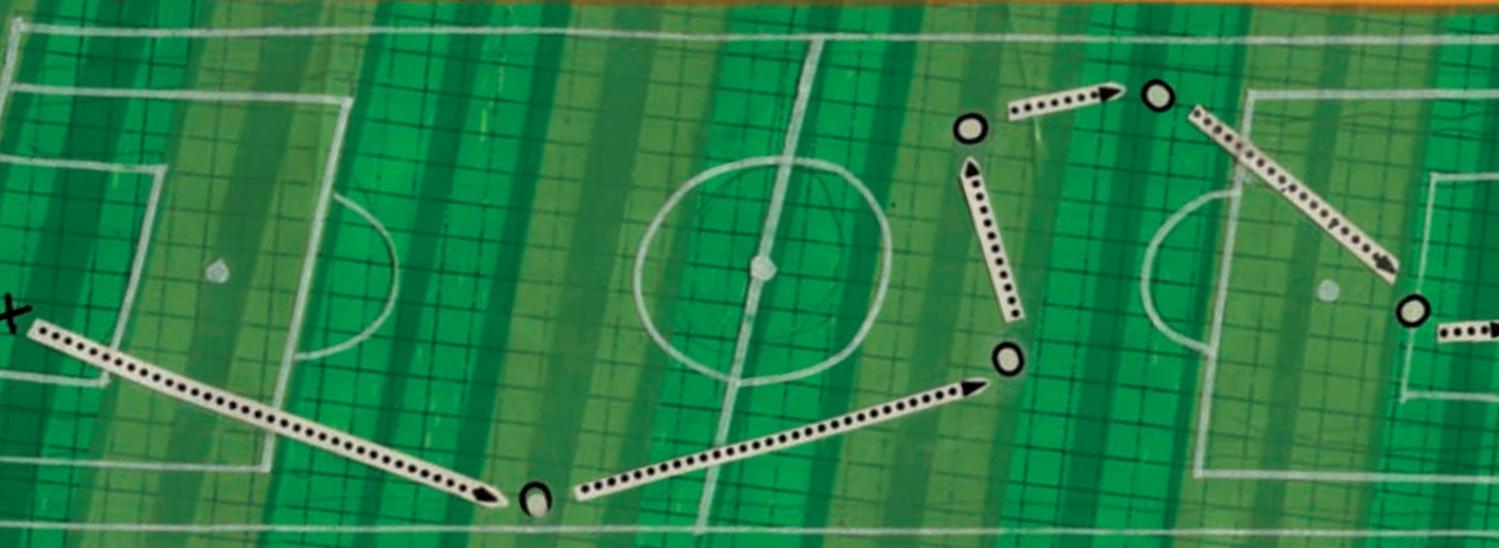
Tiragem 10 mil – distribuição gratuita. Sugestões e críticas devem ser encaminhadas ao Núcleo de Comunicação e Relacionamento continuum@itaucultural.org.br. Jornalista responsável Ana de Fátima Oliveira de Sousa MTb 13.554

Esta publicação segue as normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, assinado em 1990, em vigor desde janeiro de 2009.

Ilustração: Daniel Bueno



Itaú
cultural



20

6

48

Ficção

32. E a mãe do juiz, o que é?

José Roberto Torero, Moacyr Scliar, Ivana Arruda Leite, Leandro Sarmatz, Ronaldo Bressane, Samarone Lima, Cintia Moscovich, Mário Araújo e Xico Sá armam suas jogadas em minicontos que trazem os lances do futebol para o dia a dia.

Reportagem

6. Planeta redondo

Uma história que extrapola as quatro linhas. Veja a trajetória do esporte que já usou crânios humanos como bola, parou guerras e hoje é o mais popular do mundo.

10. Os donos da bola

Confira a escalação do time de músicos, cineastas e escritores que mostram o futebol jogado no campo das artes.

38. Próxima partida: homem x máquina

Saiba como os games de futebol revelam quanto evoluiu a relação do homem com o mundo digital.

54. Questão de fé

A crença que move uma paixão: mandingas, santos e superstições capazes – ou não – de botar a bola na rede.

58. Por amor à camisa

Uniformes, chuteiras, bolas... A transformação dos materiais e dos acessórios esportivos que são um show à parte.

Infográfico

14. Futebol 1.0

Descongestione o meio de campo, saia da banheira e entenda o básico do esporte bretão.

Entrevista

20. Depois de pendurar as chuteiras

Os ex-boleiros José Carlos Bernardo, João Reinaldo Ramos, Oscar Bernardi e Wladimir Santos partem para o ataque e relembram seus tempos de glória.

Crônica

26. Ludopédio Sociedade Anônima

Jogadores-celebridades, cartolas, patrocinadores, marketing e muito dinheiro. Será que ainda há espaço para o futebol-arte?

Balaio

42. Bons de bola

As dicas culturais futebolísticas da **Continuum**.

Fotorreportagem

48. O lado de lá do lado de cá

O Garapa invadiu a casa de brasileiros espalhados pelo mundo para registrar suas expressões enquanto assistiam aos jogos da seleção na Copa.

Reportagem em quadrinhos

62. Juventude: tempo de crescer

A história de um time gaúcho, do apogeu à derrocada, é contada em formato inédito à **Continuum**.

Espaço do Leitor

28. Convocação

Saiba como ser repórter da revista e fique por dentro do tema da próxima edição. Você pode ainda mandar cartas ou e-mails com sugestões, críticas e, é claro, elogios.

29. Área Livre

Confira os trabalhos de leitores que batem um bolão.

Deadline

44. A melhor seleção do mundo

Água Branca Society: o time de craques que deixa o Real Madrid na lama.

Planeta redondo

Ele já foi disputado com crânios usados como bola; foi proibido pelo excesso de violência; e, acredite se quiser, aqui no Brasil, foi tido como esporte exclusivo da elite branca. Seja bem-vindo ao jogo mais popular do mundo: o futebol

Por Mariana Sgarioni | Fotos Arnaldo Carvalho

Estamos em 4 de fevereiro de 1969. Uma sangrenta guerra civil assola a República Democrática do Congo após um golpe militar. Milhares de dissidentes são mortos, o caos domina as ruas. Estrangeiros são obrigados a deixar o país, a situação está fora de controle.

Naquele dia, porém, algo de estranho acontece: os tiros silenciam e a paz volta por algumas horas. Grupos rivais surpreendentemente resolvem declarar um armistício – algo que as Nações Unidas vinham tentando havia tempos em vão. O motivo: o país inteiro, unido, deseja assistir a uma partida do Santos Futebol Clube com Pelé no ataque. Só que as regras africanas são claras: o Santos de Pelé deveria jogar com as duas seleções rivais em pé de guerra. O rei do futebol não se fez de rogado: deu seu show em duas partidas, animando as torcidas que, por um instante, esqueceram a discórdia. Assim que os jogos terminaram e a delegação brasileira foi embora, o conflito recomeçou.

Nunca na história mundial, um esporte havia conseguido parar uma guerra. Até hoje, é a única competição que une dissidências políticas e é capaz de mobilizar multidões em torno de um mesmo ideal. É possível dizer que se trata de um fenômeno sociológico planetário. E que começou, quem diria, há mais de 3 mil anos, com uma turma que chutava crânios. Com o perdão do trocadilho, vamos então pras cabeças.

De onde surgiu o bate-bola

O Brasil pode ser o país do futebol, mas não foi aqui que tudo começou. Estima-se que as primeiras manifestações do que viria a ser o futebol tenham ocorrido na China, por volta de 3.000 e 2.500 a.C. Na época, em algumas regiões, havia o costume de chutar os crânios dos inimigos derrotados. Os crânios, que mais tarde seriam substituídos por bolas, tinham de ser chutados pelos soldados chineses entre duas estacas cravadas no chão, um primeiro indício das traves. Nessa época, havia um exercício de treinamento militar chamado Tsuh Kuh, em que jogadores deveriam lançar com o pé uma bola de couro enxertada com plumas e pelos em uma pequena rede, com abertura de 30 a 40 centímetros, cercada de varas de bambu.

No Ocidente, seu parente mais antigo era o grego *epyskiros*, disputado com os pés, num campo retangular, por duas equipes de nove jogadores. A bola era feita de bexiga de boi e recheada com ar e areia, que deveria ser arremessada contra as metas, no fundo de cada lado do campo. A prática também foi desenvolvida no Império Romano, como treinamento militar e, com as conquistas romanas, difundida por outras regiões da Europa, da Ásia e da África.

O que parece é que já naqueles tempos remotos a pancadaria fazia parte da tradição futebolística. Ao chegar à Bretanha, por exemplo, em cerca de 1175, há registros de que habitantes de várias cidades inglesas saíam às ruas chutando uma bola de couro para comemorar a expulsão dos dinamarqueses. A bola simbolizava a cabeça de um invasor. Por muito tempo, o confronto foi marcado pela violência: uma partida sempre acabava com pernas quebradas, roupas rasgadas, dentes arrancados. Era literalmente uma luta pela bola. Em 1700, os ingleses

proibiram as formas violentas dessa disputa e a adotaram como atividade física. Com sua difusão pelos colégios do país, os diferentes tipos de regra em cada escola é que passaram a ser o problema. Duas dessas regras ganharam destaque na época: uma, jogada só com os pés, e outra com os pés e as mãos. Criava-se, assim, o football e o rugby, por volta de 1860.

O futebol é o único jogo que une dissidências políticas e é capaz de mobilizar multidões em torno de um mesmo ideal. Mais do que um simples esporte, é possível dizer que se trata de um fenômeno sociológico planetário.

A bola domina o Brasil

O futebol como conhecemos hoje é popular, de massa, e predomina em todas as classes sociais. Mas não foi sempre assim, sobretudo, quem diria, aqui no Brasil.

Quem trouxe a primeira bola para o país foi Charles Miller, em 1894. Paulistano do Brás, filho de um empregado de uma empresa ferroviária, ele foi mandado para a Inglaterra a fim de concluir seus estudos. Voltou com duas bolas na mala. Ele mesmo contou, em uma entrevista à revista *Cruzeiro*, em 1952, como havia sido a primeira partida por aqui:

“Numa tarde fria de outono, em 1895, reuni os amigos, e convidei-os a disputarem uma partida de football. Aquele nome, por si só, era novidade, já que naquela época somente conheciam o críquete.
– Como é esse jogo? – perguntavam uns.
– Com que bola vamos jogar? – indagavam outros.
– Eu tenho a bola. O que é preciso é enchê-la.
– Encher com o quê? – perguntavam.
– Com ar.
– Então vá buscar que eu encho.”

O pioneirismo de Miller é contestado por alguns pesquisadores, que afirmam que a prática foi trazida por marinheiros às nossas praias, ou ainda pelo escocês Thomas Donohoe. Seja como for, no Brasil, no início, era realizado apenas entre a elite branca. No primeiro time oficial, o São Paulo Athletic Club (SPAC), e em todos os seguintes, era vedada a participação de negros. Tanto é que a expressão “pó de arroz” veio justamente do jogador mestiço Carlos Alberto que, para poder entrar em campo no Campeonato Carioca de 1914, clareou o rosto com o pó. O suor da partida derreteu a maquiagem e a torcida descobriu a farsa.

O escritor Graciliano Ramos chegou a dizer que o futebol era a prova da superioridade europeia sobre o brasileiro, afirmando que sua popularidade seria passageira. “Os verdadeiros esportes regionais estão aí abandonados: o porrete, o cachaço, a queda de braço, a corrida a pé, tão útil a um cidadão que se dedica ao arriscado ofício de furtar galinhas, a pega de bois, o calto, a cavalhada, e o melhor de tudo, o cambapé, a rasteira. A rasteira! Esse, sim, é o esporte nacional por excelência”, escreveu na crônica “Traços a Esmo”, publicada em 1921. Já o escritor

Lima Barreto chegou a formar a Liga Contra o Foot-Ball, tamanha a antipatia por seu elitismo, o que o tornava alienante e um “primado da ignorância e da imbecilidade”, escreveu no texto “Como Resposta, Careta”, em 1922, publicado no livro *Marginália* (Brasiliense, 1953).

Obsessão nacional

Somente na década de 1920, o futebol passou a abraçar todas as classes sociais – até então, a população de baixa renda só tinha vez na modalidade de várzea. O Vasco foi o primeiro grande clube a vencer títulos com uma equipe de jogadores negros e pobres. Foi uma verdadeira revolução brasileira, pois se passou a profissionalizar e pagar salários aos jogadores. Os operários também come-



Somente na década de 1920 é que o esporte passou a abraçar todas as classes sociais – até então, a população de baixa renda só tinha vez no futebol de várzea. O Vasco foi o primeiro grande clube a vencer títulos com uma equipe de jogadores negros e pobres.

Fotos da série *PE na Bola*



çaram a ser incentivados a jogar, uma vez que os donos de fábricas perceberam que o sucesso das equipes era uma ótima forma de divulgar seus produtos. “Operário que jogasse bem, que garantisse um lugar no primeiro time, ia logo para a sala do pano. Trabalho mais leve. Os garotos que jogavam no largo da igreja sabiam que, quando crescessem, se fossem bons jogadores, teriam lugares garantidos na fábrica”, escreve Mario Filho, em seu livro *O Negro no Futebol Brasileiro* (Mauad, 2003).

A partir do governo Getúlio Vargas, em 1930, o esporte ganhou ares mais profissionais, com a criação de uma política mais estruturada. Essa profissionalização acabou abrindo espaço definitivo para que os primeiros gênios nacionais entrassem em campo; gente que fez do esporte seu meio de sobrevivência, como Fausto dos Santos, Domingos da Guia, Leônidas da Silva, Waldemar de Brito e até mesmo Pelé.

Ter o melhor futebol do mundo se tornou obsessão nacional, uma

afirmação do país. Viramos exportadores de craques, e a nossa história se confunde com a própria evolução do esporte. Passatempo de poucos, a atividade, então de elite, triunfaria e cresceria para ser uma instituição brasileira. Além disso, quem diria, acabou se tornando, como afirmou o antropólogo Roberto DaMatta no programa *Roda Viva*, da TV Cultura, o melhor professor de igualdade do Brasil. “As regras são fixas, simples, claras e não mudam facilmente. Os times precisam uns dos outros, a oposição é vista como parte do jogo. Todo mundo sabe que não se pode ser eternamente campeão, que perder ou ganhar faz parte. Quem é bom sempre aparece, não se pode ser craque com a cor da pele, ou o nome de família, ou o dinheiro, ou a fama do pai. E, finalmente, no futebol, todos estão sujeitos a regras.”

Você consegue imaginar algum outro contexto em que isso aconteça? 

Leia e veja trechos da entrevista de Roberto DaMatta em: rodaviva.fapesp.br/materia/302/entrevistados/roberto_da_matta_1999.htm.

Os donos da bola

Artistas batem um bolão quando suas obras falam de futebol.

Por Tatiana Diniz

Futebol é arte que joga em todas as linguagens. Do cinema à literatura; da música à pintura. Craque na inspiração, dribla entre gêneros, revela talentos e revigora os já consagrados. Democraticamente, permite jogadas em campos diversos e emociona em qualquer suporte. Gol.

Em 2002, o artista visual Lula Wanderley surpreendeu o mundo ao reeditar, em um trabalho de videoarte, as imagens dos maiores gols da história tirando a bola de cena. Ao causar estranheza visual, veem-se craques em manobras endiabradas atrás de um objetivo invisível. Exibido em vários países, o trabalho *Arte É o Futebol sem Bola* tem sua história recontada no capítulo “Eu, Maradona, Pelé e Romário” do livro *A Bola entre Palavras* (autoria coletiva, editora [e], 2010).

Wanderley conta que, quando criou o trabalho, quis se sentir “como um jogador executando aquela jogada habilidosa capaz de trazer de volta a surpresa ao olhar: a estranheza potencialmente criadora que a pobreza de nosso cotidiano afastou do futebol e da vida”. Neste trecho do livro, o artista explica seu trabalho:

“Sem a bola a imagem se desestabiliza. No primeiro momento, olhando as diabruras de Maradona, nosso olhar é levado a reconstruir a imagem da bola: ela é do craque, é difícil ocultá-la quando está com ele. Reconstrução em vão. Nossa percepção, agora livre da força gravitacional que a presença da bola exerce, expande-se em busca de novo sentido para a imagem no esforço de estabilizá-la. Incapaz de informar sobre o jogo, a imagem parece desprender-se e ir para além do futebol ao revelar o oculto, o invisível do jogo: a deliricadança que aflora do movimento dos corpos.”

Nas arquibancadas lotadas dos estádios, outra dança igualmente poderosa, a das torcidas no desenrolar sincronizado de bandeiras gigantes, é o suporte utilizado pelo coletivo artístico Frente 3 de Fevereiro para realizar suas intervenções. Contrariando a máxima de que futebol não combina com política, o grupo usa arte e ativismo para amarrar as duas pontas e debater um tema que é polêmico inclusive no universo futebolístico: o racismo.

Em três trabalhos que dialogam entre si, a abordagem se vale da multidão de torcedores em dias de partidas decisivas para exibir dizeres como “Brasil negro salve” e “Onde estão os negros?” em bandeiras de 20 x 30

metros. O destaque vai para a versão internacional da ação, quando, devidamente vestidos de verde e amarelo, os integrantes se posicionaram na arquibancada da final da Copa da Alemanha para, com o auxílio da torcida, empunhar uma faixa gigante com a frase “Know go areas” e, assim, questionar o racismo contra imigrantes. A mensagem foi ao ar no mundo todo na situação de maior índice de audiência televisiva reconhecida pelo mercado.

“A ideia de multidão é muito importante, mas há também um sentido de criar interrogações dentro do estádio, que é um ambiente de certezas no qual se odeia ou se nega o adversário. Fora isso, o trabalho envolve o planejamento da intervenção midiática nesses jogos, que são televisionados em grande escala. Estudamos os momentos em que a torcida sempre é filmada para saber quando desenrolar a bandeira”, conta Daniel Lima, um dos integrantes do 3 de Fevereiro.



Bandeiras do coletivo Frente 3 de Fevereiro | foto: divulgação

Nas arquibancadas lotadas dos estádios, outra dança igualmente poderosa, a das torcidas no desenrolar sincronizado de bandeiras gigantes, é o suporte utilizado pelo coletivo artístico Frente 3 de Fevereiro para realizar suas intervenções.

Futebol interdisciplinar

Das artes visuais para a sétima arte. No cinema, os bastidores do futebol se cruzam com recortes de vidas e momentos da história da humanidade. Jogadores viram atores, como o espanhol Alfredo Di Stefano, que, em 1956, interpretou ele mesmo comandando uma equipe de futebol em *Saeta Rubia*, do diretor Javier Setó. Há ainda produções inusitadas como a comédia *Shaolin Soccer* (Stephen Chow, 2001), em que um time de futebol é formado por lutadores de artes marciais. Histórico e singelo, o longa alemão *O Milagre de Berna* (Sönker Wortmann, 2003) relata a vitória da seleção daquele país na Copa de 1954 e remonta ao final da Segunda Guerra Mundial. Derrotado, um veterano alemão volta a viver com a família depois de 11 anos na Rússia. É quando conhece seu filho mais novo, nascido na sua ausência e aficionado pelo esporte. Poética, a

narrativa explora a aspereza da vida atenuada pela fé no futebol até mesmo diante da guerra e das ilusões perdidas no combate. Esmiúça também a faceta “humana” dos jogadores da seleção, que em deslizos afogam sua angústia em bebedeiras e tragos proibidos.

Do cinema para a música, áreas intimamente ligadas no documentário brasileiro, um bom exemplo do uso do futebol como tema é o brasileiro *Simonal – Ninguém Sabe o Duro que Dei* (Calvito Leal, Cláudio Manoel e Micael Langer). Lançado em 2009, o trabalho aborda o esporte ao revelar a amizade entre o músico Wilson Simonal e o jogador Pelé.

Se o cinema de certo modo flerta com o futebol, a música tem com ele um caso de amor. Desse caso amoroso sobram histórias e lendas, como a

do compositor Lamartine Babo, que, em 1949, compôs a toque de caixa os hinos de nada menos do que 11 times participantes do Campeonato Carioca de Futebol. Com Babo, ascenderam Ary Barroso e Nássara Campos, que alavancaram a música urbana carioca ao explorar o imaginário futebolístico e seus jargões.

Anos mais tarde, durante a ditadura militar, composições como “Pra Frente Brasil”, de Miguel Gustavo, foram interpretadas como propaganda ideológica do regime vigente. Pelo mesmo motivo, entrou para a história da música brasileira a estrondosa vaia que o compositor Sérgio Ricardo levou ao tentar cantar, em 1967, diante de um Maracanãzinho lotado, sua canção “Beto Bom de Bola”, durante o festival da canção que consolidaria a tropicália.

Sobre futebol cantaram diversos compositores brasileiros, sendo Jorge Ben Jor talvez o mais lembrado por sucessos como “Fio Maravilha” e “Camisa da Gávea”.

Se o cinema de certo modo flerta com o futebol, a música tem com ele um caso de amor. Desse caso amoroso sobram histórias e lendas, como a do compositor Lamartine Babo, que, em 1949, compôs a toque de caixa os hinos de nada menos do que 11 times participantes do Campeonato Carioca de Futebol.

Na Copa de 2002, Naná Vasconcelos empunhou o berimbau para fazer um apelo: “Não deixe o futebol perder a dança, nem deixe esse sorriso de criança. Não deixe o futebol perder”. Coincidência ou não, o Brasil foi campeão naquele ano.

E a paixão segue inspirando as novas gerações: “Ganhei de um amigo, Salvador, um refrão que dizia ‘É assim que ela é: metade futebol, metade mulher’ e parei para pensar sobre como fazer uma música sobre futebol. Gosto de como o povo torce como se jogasse, sem usar a razão, só com o instinto. É isto que tento trazer para cantar o futebol: o sorriso, o grito, o desespero e o entusiasmo coletivo”, conta Fábio Trummer, vocalista da banda Eddie e torcedor do time pernambucano Santa Cruz.

Ganha-pão e razão de vida

O olindense Bajado dedicou uma infinidade de telas ao futebol, especialmente ao Santa Cruz. O esporte também moveu o pincel de Rubens Gerchman, artista de relevância similar à do contemporâneo Hélio Oiticica. Numa série de obras sobre o esporte, Gerchman recorreu a símbolos da contemporaneidade que começavam a invadir a arte brasileira nos anos 1960, como os slogans da linguagem publicitária, para produzir um trabalho extremamente crítico à “alienação” causada pelo futebol, o ópio do povo, durante o período mais tenso da ditadura militar.

Na literatura, craques das palavras como Nelson Rodrigues, no passado, e Xico Sá [leia conto do autor na página 37], na atualidade, fazem da crítica de futebol escola para o desenvolvimento de estéticas literárias únicas.

No Rio Grande do Sul, um projeto nomeado Campeonato Gaúcho de Literatura [gauchaodeliteratura.com.br] assume-se como uma “arena literário-esportiva”, convocando dois livros por partida, que são analisados por um juiz, com direito a tabela de jogos.

Como não poderia deixar de ser, a bola também revela artistas de rua, gente que faz do seu manuseio ganha-pão e razão de vida. Um deles é o carioca Marcelo das Embaixadinhas, que provoca verdadeiras aglomerações na Rua Uruguaiana, no Rio de Janeiro, onde, de segunda a sexta-feira, faz acrobacias inacreditáveis com bolas, laranjas, petecas e ovos crus, e ainda tira a camisa sem parar de chutar. “Mereço aplauso, minha gente?”, costuma perguntar. Seu trabalho pode ser conferido no site artistaderua.com.br.

A versão paulista de Marcelo se chama Zaguinha. Nascido no interior de Alagoas, ele se intitula o Rei Mago das Embaixadas – talento que fez questão de mostrar ao Papa Bento XVI em 2007, em frente ao Mosteiro de São Bento. Depois de ser descoberto por um repórter de televisão, Zaguinha viajou pelo mundo desafiando adversários a batê-lo nas embaixadinhas. Ninguém conseguiu.

É o futebol, das infinitas possibilidades de criação e de volta para as ruas – onde encantar o povo eternamente. Gol. 



Frames da obra *Arte É o Futebol sem Bola*, de Lula Wanderley

Futebol 1.0

infográfico

Passou vergonha na Copa? A vida continua: entenda o mínimo de futebol para não fazer feio nos próximos campeonatos.

Por Denis Russo Burgierman | **Infográfico** Rubens Paiva

Não entender nada de futebol pega supermal. Você pode passar por antipatriótico, ou antipopular, ou anti-brasileiro, ou americanizado. Só que já passou o tempo para realmente aprender como o futebol funciona nos detalhes. Reunimos então algumas informações básicas para ajudá-lo a passar despercebido – ou quem sabe até impressionar alguém mais desavisado.

O BÁSICO

Onze de cada lado, dos quais só um pode colocar o braço ou a mão na bola, o goleiro. O objetivo é bater na bola com o pé, as pernas, o tronco, a cabeça (ou a mão sem o juiz ver) de maneira a enfiá-la por baixo das traves do time inimigo – o gol.

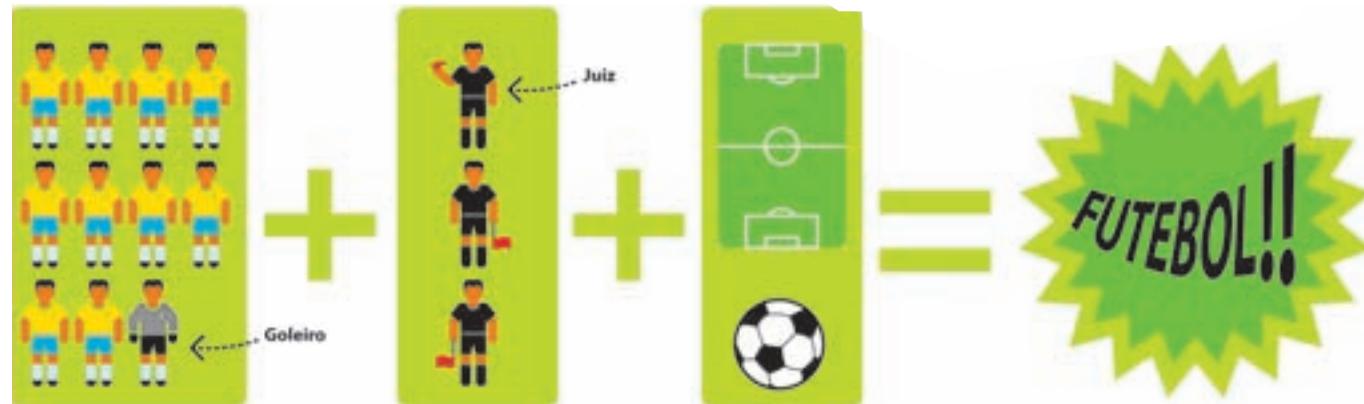
ONDE A BOLA PODE BATER



Opa! Mãos e braços não pode!

Os três sujeitos de roupa que lembra uniforme de ginástica aeróbica são o juiz e os bandeirinhas. O juiz tem um apito, os bandeirinhas – adivinha – têm uma bandeirinha.

Não se esqueça do campo e da bola. Ganha quem fizer mais gols. Pronto, você já pode torcer.



AS POSIÇÕES

Prepare-se, agora complica um pouco. Há no futebol seis castas de seres humanos: os goleiros, os zagueiros, os laterais, os volantes, os meias e os atacantes. Eles se distribuem por três regiões: o ataque, a defesa e o meio-campo. Zagueiros são defensores. Volantes e meias são meio-campistas. Laterais podem ser defensores ou meio-campistas dependendo do esquema tático (eu avisei que complicava!).

Goleiros você sabe o que são (espero). Tradicionalmente carregam o número 1 às costas. Podem colocar a mão na bola e dar bronca em todo mundo, inclusive na estrela do time.

Os dois **zagueiros** ficam logo à frente do goleiro, protegendo a área, se preciso com botinadas. Tradicionalmente têm os números 3 e 4 na camisa. São sujeitos sérios. Alguns times jogam com três zagueiros.

Na clássica metáfora do futebol, os **volantes** são os carregadores de piano que permitem que os meias toquem. São meio-campistas, mas trabalham mais desarmando os meias inimigos do que criando jogadas. O que não quer dizer que não vão de vez em quando para o ataque tentar alguma coisa. Números clássicos: 5 e 8.



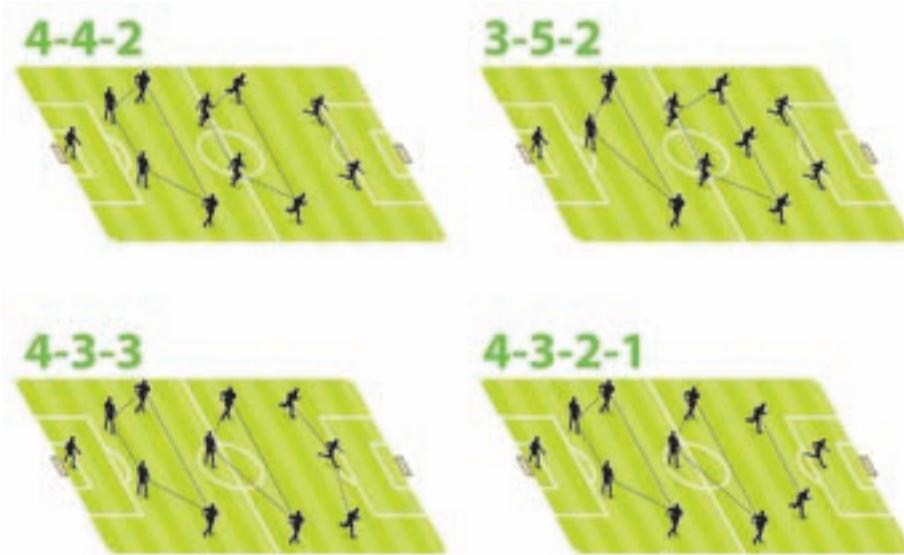
Laterais andam pelas laterais do campo (viu como tem lógica?). Têm funções defensivas, mas muitos deles correm para o ataque pelo corredor lateral, de onde cruzam a bola para dentro da área. Geralmente são magros e rápidos. O lateral direito costuma usar a camisa 2 e o esquerdo vai de 6. Laterais que não defendem são chamados de alas.

Os **meias** são os heróis do futebol. É deles o trabalho de pegar a bola com algum defensor e entregá-la a um atacante. Quando abre uma brecha, eles chutam no gol. Se o meia é craque, usa a 10 (principalmente se for canhoto).

Atacantes são impetuosos, desrespeitosos e falastrões. Não têm compromisso com nada, só com o gol. E, quando fazem gol, são o centro do universo. Centroavante é um atacante que joga no meio (geralmente com a camisa 9). Outros atacantes, atuando mais pelos lados, podem usar a 7 ou a 11 (eram chamados de pontas, antes de o Greenpeace decretar a extinção dos pontas).

ESQUEMAS TÁTICOS

4-4-2, 3-5-2, 4-3-3, 4-3-2-1, que diabos são esses numerozinhos? Telefone de alguém? Não, são esquemas táticos. Note como todos somam 10, e não é numerologia. É que todo time tem 10 jogadores (excluindo o goleiro, que todo mundo sabe onde fica). O primeiro número é a quantidade de defensores, o segundo é a de meio-campistas e o terceiro é a de atacantes. O 4-3-2-1 é uma invenção recente – quer dizer que há dois atacantes mais recuados e um enfiado no front inimigo.



E O BRASIL?

Assim jogou a Seleção Brasileira que perdeu a Copa da África em junho – num 4-2-3-1, esquema não muito comum na maioria dos times do mundo.



FRASES PARA IMPRESSIONAR OS AMIGOS COM SEUS FALSOS CONHECIMENTOS SOBRE FUTEBOL

O que dizer:

"O time precisa jogar mais compacto."
 QUANDO DIZER: Quando seu time não estiver conseguindo carregar a bola para o ataque. Significa que os jogadores precisam ficar mais próximos uns dos outros, em vez de dar chutes a distância.

"Agora é hora de recuar!"
 QUANDO DIZER: Quando você quiser que o jogo acabe do jeito que está.

"O esquema não está encaixando."
 QUANDO DIZER: Ao ver que as coisas não parecem bem, mas você não sabe direito por quê.

"Este juiz está mal-intencionado."
 QUANDO DIZER: Quando seu time estiver perdendo.

"O time não tem variação tática."
 QUANDO DIZER: Ao reparar que os jogadores estão sempre tentando fazer a mesma coisa, e nunca conseguem.

"O técnico é uma besta."
 QUANDO DIZER: Sempre que quiser. É sempre legítimo xingar o técnico da seleção, mesmo que o time ganhe de 9 a 0.

O que não dizer:

"Os calções estão bem apertados né?"

Não desvie a atenção dos fãs de futebol para os contornos das coxas dos jogadores. No geral, eles não querem ser lembrados do caráter eminentemente homoerótico de passar a tarde olhando para homens suados e musculosos.

REGRAS BÁSICAS

Impedimento

Tem certeza de que você quer aprender essa regra chata? Ok, aí vai: quando um jogador passa a bola para outro que esteja à sua frente, tem de haver pelo menos dois jogadores adversários (um deles pode ser o goleiro) entre esse outro e a linha de fundo. Simples? Não. Você dificilmente vai acertar se um jogador estava impedido ou não. Mas não tem problema. O Arnaldo César Coelho também nunca acerta e ganha um salário como comentarista.



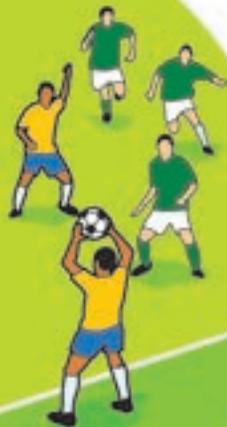
Falta

Falta é tudo aquilo que não pode: colocar a mão na bola, chutar a canela do outro, xingar a irmã, empurrar, arranhar, cuspir, enfiar o dedo no olho, chutar a bunda, deitar em cima da bola, cabecear o peito do adversário. Se a falta for violenta ou atentar contra o jogo (agarrar alguém tentando atacar ou pegar a bola com a mão, por exemplo), vem acompanhada de cartão. Dois cartões amarelos no mesmo jogo viram um vermelho. Na Copa, dois cartões amarelos em jogos diferentes suspendem o sujeito do jogo seguinte.



Lateral, tiro de meta e escanteio

A bola sai de campo quando estiver inteiramente fora (mais fora que dentro é dentro). Se sair por uma linha lateral, é lateral: o cara do outro time cobra com as mãos por cima da cabeça. Se sair pela linha de fundo, pode ser tiro de meta (quando a bola é da defesa e o goleiro ou um zagueiro dão aquele chutão lá longe) ou escanteio (quando é do ataque e os dois times ficam se agarrando dentro da área esperando cruzarem a bola).



Substituições

Cada time pode fazer três, mais o goleiro. Substituições podem acontecer porque alguém está jogando mal (substituição técnica), ou se machucou (física), ou para mudar o jeito de o time jogar (tática). Exemplo de substituição tática: um time que está perdendo tira um volante e põe mais um atacante. Jogadores expulsos não podem ser substituídos.



O UNIFORME

Conhecer as cores do seu time é fundamental.



A tradicional camisa "amarelinha", muito temida pelas outras seleções.

Brasão da CBF com as cinco estrelas representando as cinco Copas ganhas pelo Brasil.

Calção

Caneleira

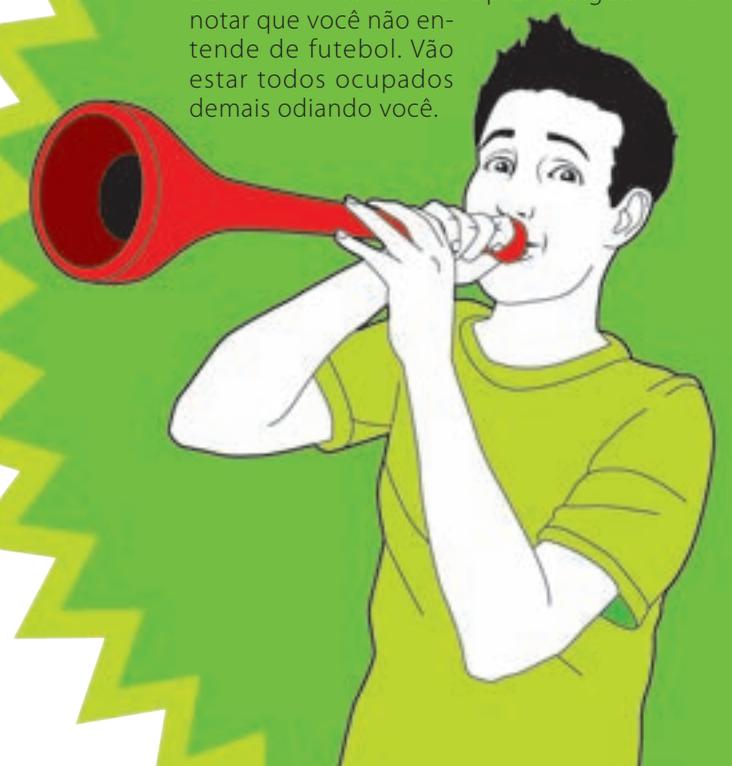
Meia

Chuteira

Se nada disso funcionar

Arrume uma vuvuzela –

aquela corneta de plástico que os sul-africanos adoram – e comece a soprar. Ninguém vai notar que você não entende de futebol. Vão estar todos ocupados demais odiando você.



Depois de pendurar as chuteiras

Quatro ex-jogadores recordam o passado de glórias e atualizam as impressões sobre o fascinante esporte que congrega multidões e paixões.

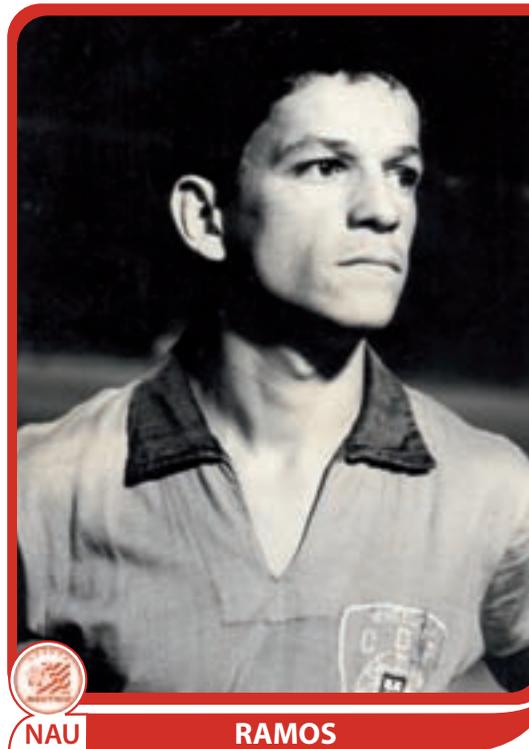
Por Carlos Costa

O quase jogador de futebol e músico Jorge Ben Jor gravou, em 1976, a canção “Meus Filhos, Meu Tesouro”, na qual perguntava aos seus três filhinhos o que queriam ser quando crescessem. O primeiro, Arthur Miró, rebatia, “eu quero ser jogador de futebol”, expressando desejo comum à grande maioria dos garotos brasileiros.

Profissão difícil e curta, os jogadores, ao perceber a chegada dos anos, se perguntam com mais contundência: o que fazer quando chegar a hora de pendurar as chuteiras?

O importante é domar as lembranças e saber por onde seguir. Guardar delas o melhor. Essas são as impressões mais fortes nos depoimentos de quatro ex-jogadores, remanescentes de uma época em que o esporte era distinto, talvez mais puro, e movido por menos cifras.

foto: arquivo pessoal



JOÃO REINALDO RAMOS

(Porto Alegre, RS, 1944). Motorista do Ministério Público de Pernambuco, dedicou ao futebol dez anos de sua vida. Conta proezas como vitórias no futebol da Venezuela, uma taça Libertadores da América e os gols que levaram o recifense Clube Náutico Capibaribe a conquistar o Hexacampeonato Pernambucano, em 1968 – mesmo passados 42 anos ainda é o maior êxito do clube e a origem do slogan “Hexa é luxo”. Ramos, que jogava como atacante, pendurou as chuteiras depois da segunda temporada no Deportivo Portugués (Venezuela), em 1973. Foi morar no Recife (PE) e se tornou funcionário público.

Como foi sua trajetória no futebol?

Comecei a jogar em 1962 no Club de Regatas Vasco da Gama, no Rio de Janeiro, depois de passar num peneirão

no também carioca Volta Redonda Futebol Clube. Joguei até 1965. Três anos depois, estava morando em Caracas (Venezuela) para defender o Deportivo Portugués, time que não existe mais. Foi uma experiência muito importante. Fiquei por lá até 1973, quando fui contratado pelo Náutico e vim morar no Recife. Chegando aqui, tive muita sorte e vivi uma fase muito positiva. Gols decisivos contra o Sport Club do Recife garantiram minha simpatia com a torcida e muitas felicidades. Outra coisa importante foram as amizades que conquistei e o meu casamento com uma pernambucana. Depois do hexa, voltei a jogar mais uns anos no Deportivo de Caracas, e em 1982 decidi me aposentar. Aí voltei a morar no Recife, cedendo à insistência de amigos que me ajudaram a encontrar uma nova profissão.

Qual foi a nova profissão?

Comecei a trabalhar como funcionário público na área de transportes, em funções administrativas. Passei 16 anos assim, até que me chamaram para a vaga de motorista no Ministério Público. Graças a Deus, pretendo seguir aqui até me aposentar.

Qual foi o grande momento da carreira?

São muitas lembranças boas. O futebol me deu tudo: amigos, possibilidade de comprar uma casa para minha mãe, um apartamento para minha família, carro. Não alimento nada negativo em relação a isso. Há fatos importantes em cada uma das fases, a começar pela experiência no Vasco, a passagem pela seleção olímpica de Tóquio (Japão), as importantes vitórias no Deportivo e no Náutico, com direito ao gol que deu o hexa ao time. O Náutico, talvez, seja o mais significativo. Até hoje tenho o carinho dos jogadores e livre acesso ao estádio.

O senhor ainda joga futebol? Assiste a partidas?

Bato umas peladas sempre que posso. E assisto, sim. Não perco um jogo do Náutico.

“Era inconcebível trocar um time pelo rival. Isso não existe mais. O resultado é prejudicial porque acabou a lealdade. Acabou o amor.” (Ramos)

Comparando o futebol profissional de hoje com o da sua época, há grandes diferenças?

Hoje, os empresários dominam e manipulam o futebol. Tem um lado bom, que é a melhoria salarial e as novas garantias para os jogadores. E um lado ruim: não existe mais fidelidade ao time. Na época em que estive no Náutico, recebi uma proposta muito boa do Sport, mas não fui. Era inconcebível trocar um time pelo rival. Isso não existe mais. O resultado é prejudicial porque acabou a lealdade. Acabou o amor.

JOSÉ CARLOS BERNARDO

(Juiz de Fora, MG, 1945). Coordenador do programa de intercâmbio internacional do Cruzeiro Esporte Clube de Minas Gerais, em Belo Horizonte (MG), e diretor da Associação Esportiva Casa Grande, que mantém trabalho social com 200 jovens no degradado Bairro Nacional, em Contagem (MG). Jogou como volante por 12 anos em distintos times do país. Vestiu a camisa da seleção em quatro jogos. Entre os méritos, foi Penta e Tetracampeão Mineiro pelo Cruzeiro, ganhou uma Libertadores, uma Taça Brasil e um Campeonato Brasileiro. Ao deixar os campos, resolveu ser técnico, por mais oito anos. Desde 2008, dedica-se apenas aos mais novos, treinando alunos de escolinhas de futebol.

Como foi sua trajetória no futebol?

Comecei no Sport Juiz de Fora, em 1962. Passei por cerca de dez clubes diferentes e resolvi deixar os campos em 1983, quando jogava no Villa Nova Atlético Clube, de Nova



foto: divulgação



JOSÉ CARLOS BERNARDO

Por duas vezes, na Arábia Saudita. Assim, fui percebendo uma carência muito grande de trabalhos sérios de preparo e treinamento nas escolinhas de futebol. Em geral, visam muito ao dinheiro e esquecem o conhecimento técnico, e os garotos são contratados cada vez mais jovens. Por isso, resolvi começar esse trabalho, coordenando a escolinha Toca 1, do Cruzeiro. É lá onde treinam os meninos que participam do programa de intercâmbio da equipe. Eles vêm de diversos países, da África, da Europa, da Ásia, da América do Norte, e têm entre 14 e 18 anos. Para dar

minha contribuição à sociedade, também desenvolvo um trabalho na Associação Esportiva Casa Grande, no Bairro Nacional, em Contagem. Sou diretor da associação, que tem cerca de 200 jovens. Eles recebem auxílio técnico no futebol e orientação sobre estudo, família, trabalho. Talvez essa orientação seja o mais importante. Dessa forma, pelo menos, a cada ano, levamos duas ou três crianças a superar a falta de perspectiva e achar um caminho melhor na vida.

Qual foi o grande momento da carreira?

O futebol me deu tudo, família, condições de viver bem, estabilidade. Diria que o mais importante foi me realizar profissionalmente e ver o resultado do meu esforço render bons frutos. Agradeço a Deus ter começado a jogar com 13 anos e seguir feliz no mundo da bola.

O senhor ainda joga futebol? Assiste a partidas?

Difícilmente jogo bola. Acompanho o trabalho com os meninos da Toca [da Raposa, o centro de treinamento do Cruzeiro].

Comparando o futebol profissional de hoje com o da sua época, há grandes diferenças?

Existe muito mais dinheiro envolvido. Parece que isso fez perder um pouco da espontaneidade. Acabaram-se os campos de várzea, os talentos não surgem mais naturalmente. A figura do empresário terminou prejudicando, em diversos aspectos. São muitas exigências, muita ganância. O próprio jogador vê as superestrelas na TV e também quer ser rico, famoso. Não é que esteja errado pensar assim, mas seria mais importante se preocupar em estar bem preparado. Já vi muito jogador talentoso se perder, e outros que pareciam não ter talento se dar muito bem. O que quero mesmo é que sejam capazes de acreditar em si e conquistar seu sonho.

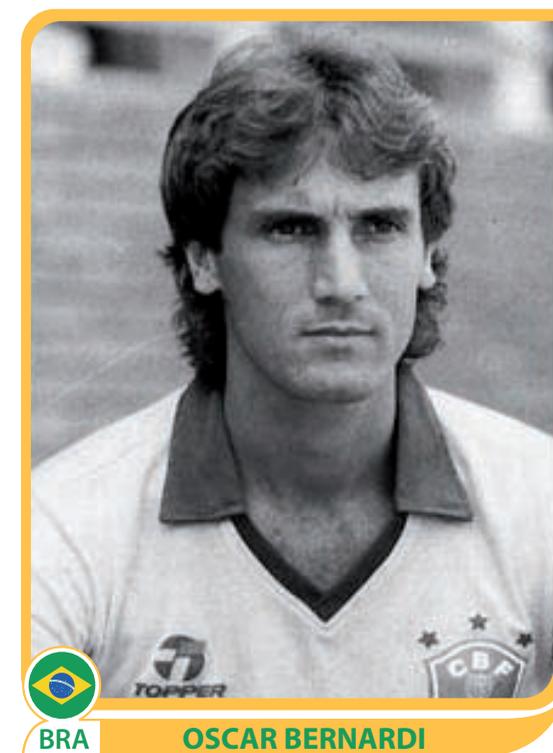


foto: arquivo pessoal



OSCAR BERNARDI

JOSÉ OSCAR BERNARDI

(Monte Sião, MG, 1954). Empresário de sucesso, jogou profissionalmente na posição de zagueiro por 14 anos. Começou na Associação Atlética Ponte Preta, de Campinas (SP), e passou pelo São Paulo Futebol Clube e por times dos Estados Unidos e do Japão. Vestiu a camisa do Brasil em três Copas. Depois de sair dos campos, treinou equipes japonesas e árabes e foi morar em Águas de Lindoia (SP), vizinha de sua cidade natal. Lá, abriu um hotel apto a receber delegações de clubes para pré-temporadas. Também investiu em um time de futebol, o Brasilis Futebol Clube, de Águas de Lindoia, que disputa a Série B (quarta divisão) do Campeonato Paulista e, segundo Bernardi, é uma incubadora de grandes talentos.

Como foi sua trajetória no futebol?

Minha estreia profissional foi no Ponte Preta, em 1973. Seis anos depois, fui jogar no Cosmos, de Nova York, e, em 1980, voltei ao Brasil, para o São Paulo. Na época, eles me ofereceram um contrato altíssimo. No São Paulo fiquei por sete anos e, em seguida, fui para o Japão jogar no Nissan Yokohama, onde fiquei por mais três anos e decidi encerrar a carreira. Ao todo, participei de

“O futebol me deu tudo, família, condições de viver bem, estabilidade.” (José Carlos Bernardo)

Lima (MG). O Cruzeiro foi o grande destaque porque com ele conquistei o Penta e o Tetracampeonato Mineiro.

Ao decidir se aposentar como jogador, como o senhor encaminhou a vida profissional?

Os convites me fizeram continuar no futebol, como treinador. Passei oito anos treinando diferentes clubes.

“Tirando as contusões, foi tudo muito bom. Somei muitos amigos e títulos. Foram mais de 90 jogos vestindo a camisa da seleção. Entre as melhores lembranças, sempre cito o jogo de despedida do Pelé.” (José Oscar Bernardi)

três Copas do Mundo. Daí, fui trabalhar como técnico. Foram mais quatro anos no Japão, depois treinei times brasileiros e da Arábia Saudita, até que resolvi parar de vez e investir no Hotel Oscar Inn, um eco resort em Águas de Lindoia com estrutura para lazer que contempla também cinco campos de gramado e uma academia completa.

Além do hotel, o senhor investiu em um time de futebol.

Sim, no Brasilis Futebol Clube. Foi criado em 2007 para revelar talentos. Possui uma estrutura muito boa e os resultados estão surgindo. Já formamos jogadores que se destacam no futebol brasileiro e estrangeiro.

Qual foi o grande momento da carreira?

Tirando as contusões, foi tudo muito bom. Somei muitos amigos e títulos. Foram mais de 90 jogos vestindo a camisa da seleção. Entre as melhores lembranças, sempre cito o jogo de despedida do Pelé.

O senhor ainda joga futebol? Assiste a partidas?

Não mais, nem tenho saudade. Continuo convivendo com o futebol, praticando esportes, mas não tenho mais vontade de jogar. Mas sempre assisto aos jogos.

Comparando o futebol profissional de hoje com o da sua época, há grandes diferenças?

A televisão e o marketing fortaleceram os atletas. No entanto, o futebol perdeu técnica. Hoje, os privilégios extrapolam a medida. Isso mexe muito com os egos, inflaciona tudo, e deturpou o foco, que deveria ser a técnica e o espetáculo em campo. O que há de melhor no futebol é ser responsável em campo, ser profissional. Vejo isso no futebol inglês atual. Mesmo assim, o do Brasil continua sendo referência internacional. Exportamos cerca de mil jogadores todo ano. Isso é muito benéfico.

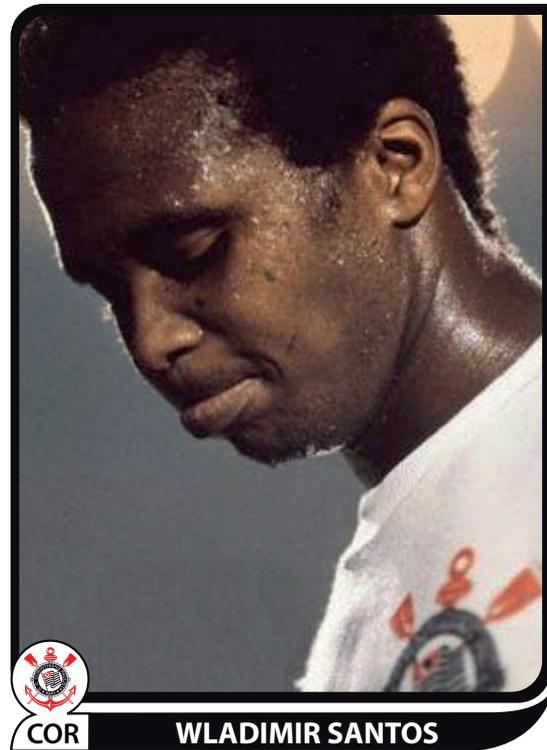


foto: divulgação

WLADIMIR RODRIGUES DOS SANTOS

(São Paulo, SP, 1954). Secretário de Esportes de São Sebastião, jogou por 16 anos e foi um dos maiores ídolos da torcida corintiana. Ainda como jogador, começou a trilhar caminho pela política, liderando, com outros três ex-jogadores (Sócrates, Casagrande e Zenon), o maior movimento ideológico do futebol brasileiro, a Democracia Corintiana, que deu aos jogadores do time poder de participar das decisões finais a respeito dos temas administrativos ligados a eles, criando um modelo de autogestão. Vinculado ao Partido Comunista do Brasil (PC do B), o ex-lateral esquerdo se diz o primeiro atleta a se filiar ao Partido dos Trabalhadores (PT), onde militou por dez anos.

A gestão atual é a quarta em secretarias de esportes de cidades do interior de São Paulo. E sua principal missão, comenta, é conscientizar a população da importância da prática de atividades físicas para a qualidade de vida.

Como foi sua trajetória no futebol?

Comecei treinando na escolinha do Sport Club Corinthians Paulista, onde me tornei profissional e joguei de 1972 a 1985. Foi uma escola para minha vida. Depois passei por outros clubes de São Paulo (Santo André, Ponte Preta, São Caetano e Santos) e de Minas Gerais (Cruzeiro). Ainda como jogador, enveredei pela política no Sindicato dos Atletas de São Paulo, movido pela ânsia de diminuir as diferenças que via no futebol. As disparidades entre os pequenos e os grandes times, os salários atrasados... Foram mais de cinco anos tentando conscientizar a categoria sobre o ideal da luta por melhores condições. Foi muito difícil, pois não existia isonomia na classe, cada um ia por si, se valendo de seu talento. Voltei ao Corinthians em 1987, por mais um ano, e joguei em outros clubes até 1991, quando resolvi parar e fui trabalhar como diretor do Estádio Municipal do Pacaembu, em São Paulo.

O direcionamento para a política aconteceu em paralelo à atuação como jogador?

Fui o primeiro jogador a se filiar a um partido político. Fiquei vinculado à política por dez anos. Também cheguei à presidência do Sindicato e, com o convite

“A Democracia Corintiana levou os jogadores a uma nova realidade.” (Wladimir Santos)

do jornalista Juarez Soares, ao me aposentar, comecei a trabalhar junto à administração pública, no Pacaembu. Atualmente, sou secretário de Esportes de São Sebastião e estou, há mais de dez anos, vinculado ao PC do B. Fui secretário de Esportes também de Cotia, Carapicuíba e Diadema. Tem sido muito significativo poder desenvolver um trabalho de divulgação da importância da prática esportiva, assim como sensibilizar a iniciativa privada sobre a parceria necessária para poder cumprir o compromisso social que o esporte representa.

Qual foi o grande momento da carreira?

Há dois momentos muito importantes, ambos ligados ao Corinthians [na equipe, ele foi o recordista no nú-

mero de atuações, 161 jogos sem interrupções; o profissional com mais jogos disputados pelo Campeonato Brasileiro, 268; e o que mais entrou em campo com a camisa do Timão, 806 vezes]. O primeiro foi o momento histórico em que a Democracia Corintiana levou os jogadores a uma nova realidade junto à administração do clube. Conseguimos estimular o grupo a se preocupar e se envolver com questões muito importantes. O segundo foi a semifinal do Campeonato Paulista de 1976, quando ocorreu o maior deslocamento da torcida corintiana para o Rio de Janeiro e, ao final do jogo, invadiram o campo para comemorar com o time. Foi uma maravilha.

O senhor ainda joga futebol? Assiste a partidas?

Não perdi o costume e considero o esporte um lazer necessário. Minha geração não foi instruída sobre a importância da prática constante. Hoje isso é mais comum. Mas meu tempo no futebol profissional já passou. Ficaram alegrias e tristezas, como em qualquer profissão, e arrependimento zero.

Comparando o futebol profissional de hoje com o da sua época, há grandes diferenças?

Os números são muito diferentes. Isso é resultado da máquina do marketing. Eu me lembro das declarações de Kofi Annan, na época secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), sobre a inveja do fascínio que o futebol exerce na população, do poder de unir pessoas por um mesmo ideal. A Fifa congrega mais países que a ONU. Paralelamente a esse crescimento e a essa propagação do esporte, vieram a ganância e os interesses particulares em prol do lucro. A técnica e o talento foram perdendo espaço. Era mais gostoso ver um jogo dez anos atrás, havia menos mercantilização. ▮

Ludopédio Sociedade Anônima

O futebol de hoje é bem diferente do de tempos atrás, virou negócio. Mas sobrevive e ainda encanta.

Por Bruno Zeni | Ilustração Vânia Medeiros

O futebol é um esporte em que o desastre é sempre iminente. A catástrofe está constantemente à espreita nesta modalidade esportiva em que o empate – e mais que isso, o zero a zero, o famoso oxo – é não apenas possível como frequente. Qualquer partida, mesmo aquela entre duas grandes equipes, corre o risco de ser pífia. Nada como o tédio de um jogo sem gols para lembrar como o futebol pode ser bem frustrante.

E, no entanto, o futebol sobrevive. E ganhou dimensão mundial, alcançando países tradicionalmente refratários a ele, como os Estados Unidos, e culturas que não levavam jeito para a bola, mas aprenderam a dar três passes certos consecutivos, como os orientais Japão, Coreia do Norte e do Sul e China. O fanatismo antes restrito a países como Brasil, Itália, Inglaterra, Argentina e demais sul-americanos globalizou-se. A África era a última fronteira a ser desbravada, o que finalmente aconteceu, em nível mundial, neste ano.

Por que logo o futebol, se o esporte é tão imponderável e flerta com a chatice com tamanha frequência? A questão é ainda mais intrigante quando se pensa que a morte do futebol-arte é anunciada há pelo menos duas décadas – desde a Copa de 1990, em que o nível técnico caiu muito se comparado, sem ir muito longe, às duas competições anteriores.

E a Copa de 1994 reafirmou a sensação de uma crise profunda no esporte mais popular do planeta. A final daquele torneio coroou o processo de vitória dos resultados: zero a zero no tempo normal, disputa de pênaltis, o melhor do mundo à época, Roberto Baggio, desperdiçando o pênalti, o Dunga levantando a taça. Sim, Romário estava lá e ganhamos o mundial por causa do atacante. Mas foi uma catástrofe anunciada: final de Copa terminando em oxo era o desfecho inevitável da era Dunga.

Cá estamos, 16 anos depois. Melhoramos? Pioramos? Ambas as coisas. Duvido, por exemplo, da ideia de que a massa de talento tenha diminuído. Os jogadores desaprenderam? Não se fazem mais craques como antigamente? Não, a questão é que a pressão hoje é tão grande sobre os jogadores que eles não são capazes de suportar o circo midiático levantado em torno do esporte. E o próprio circo alimenta a noção de que o futebol já não é o mesmo, mas pode voltar a ser o que sempre foi. A TV, a internet, os jornalistas em geral nutrem o culto messiânico ao esporte, sem confessá-lo. Em 2010, assistimos a um crescendo de tecnologia: não bastassem o replay, a câmera lenta e o tira-teima, temos agora a tosca animação em 3D, on-line, e os comentários em tempo real no Twitter e demais comunidades virtuais.

O que aconteceu para chegarmos a esse nível de mistificação, com roupagem moderna?

É evidente o sentimento de que o futebol-força sobrepujou o estilo bem jogado. Além disso, o futebol de resultados ganhou terreno e os craques hoje estão condenados a provar sua condição de excelência a todo

e qualquer momento. A questão é mais estrutural que contingente. Maior velocidade, maior preparo físico e mais grana transformaram o futebol de esporte cadenciado e próximo da dança – o velho ludopédio – em negócio dinâmico, submetido à lógica corporativa da eficiência: hoje, o que vale é o Futebol S.A.; mas persistem todas as exigências do antigo esporte, lúdico e bem jogado.

Culto e grana

A televisão e a internet tornaram acessíveis e repetitivos os melhores jogos e lances do passado. E alçaram os grandes momentos do esporte a um estatuto de paradigma inatingível. Jornalistas, comentaristas (muitos deles ex-craques) e locutores exigem desempenho de excelência, o tempo inteiro. A TV e seus atores – publicidade, celebridades, apresentadores, narradores – transformaram o futebol em espetáculo e em massacre. Não há Ronaldinho Gaúcho ou Cristiano Ronaldo, não há Messi nem Ballack, não

há Samuel Eto'o nem Beckham, Imperador ou Fenômeno que estejam confortáveis em seus papéis. Precisam provar a cada jogo que merecem o culto e a grana que recebem.

Até mesmo os ditos padrões civilizatórios da Fifa, como o fair play e a proibição de manifestações políticas e religiosas em campo, têm como objetivo máximo e último conservar o futebol no domínio da cultura midiática, sem interferências de outras ordens. Trata-se de tornar o ludopédio um negócio protagonizado por jogadores e técnicos que são estrelas, mas não têm direito à personalidade e à própria história.

Não é novidade e não é de hoje, mas os efeitos continuam a se sentir e se agravar: o futebol se tornou onipresente. Já matou os domingos e as quartas-feiras

A pressão hoje é tão grande sobre os jogadores que eles não são capazes de suportar o circo midiático levantado em torno do esporte. E o próprio circo alimenta a noção de que o futebol já não é o mesmo, mas pode voltar a ser o que sempre foi.

à noite. Distorceu os parâmetros salariais. E o espetáculo criou uma situação irreal e inalcançável, que é a máquina de insatisfação geral: é preciso dar show, ser encantador, mágico, fenomenal e fabuloso, e ao mesmo tempo ser artilheiro, eficiente, guerreiro, matador.

Depois, ninguém entende por que alguns jogadores flertam com travestis, traficantes, pastores e pagodeiros. É a vida real que precisa respirar. É a parcela da sociedade que não se quer anônima – brincando com o perigo, a liberdade e a arte das tentações e do desastre iminente. ▣

Bruno Zeni, jornalista e escritor, é autor de *O Fluxo Silencioso das Máquinas* (Ateliê Editorial, 2002) e *Corpo a Corpo com o Concreto* (Azougue Editorial, 2009).



convocação

Sua obra ficaria bem na próxima seção

Mostre seu talento enviando trabalhos para a Área Livre, e seja o próximo estudante escolhido para a Deadline.

A **Continuum** abre espaço para seus leitores colaborarem com o tema de sua edição atual (agosto-setembro) e também da futura (outubro-novembro). Para participar, basta enviar seu trabalho para **participecontinuum@itaucultural.org.br**. Textos reflexivos, contos curtos ou médios, poemas ou ainda fotos e ilustrações: essas são algumas das modalidades de obras que podem ser publicadas na revista, tanto em sua versão impressa quanto na virtual.

As colaborações são gratuitas, mas vale a pena ter um trabalho na *Continuum*, cuja distribuição é nacional. Caso você opte por enviar imagens, salve-as em formato .jpg, com no mínimo 300 dpi de resolução. Já os textos devem ter no máximo 5 mil caracteres. Então, você se animou? Estamos esperando seu trabalho, mas antes leia, em **itaucultural.org.br/continuum**, o Regulamento da **Área Livre**. Você pode ainda mandar sua dúvida para **continuum@itaucultural.org.br**, que a gente responde rapidinho.

Para a edição de **outubro-novembro** o tema é **Arte e Política**. O prazo para envio de trabalhos começa agora e vai até o dia **10 de setembro** (versão impressa) e até **10 de novembro** (revista virtual).

Outra forma de participar da *Continuum* é voltada exclusivamente para os estudantes universitários. A cada edição, a publicação abre espaço para que graduandos de todas as especialidades e de todas as instituições de ensino brasileiras enviem para a redação um projeto de reportagem – que na linguagem jornalística é conhecido como pauta. A revista valoriza todas as ideias, mas apenas uma é selecionada, e o autor tem a oportunidade de desenvolver a reportagem, que é divulgada na seção **Deadline**. Está interessado? Então leia o Regulamento, que fica permanentemente no site da revista. É lá também que está a Convocatória, com os requisitos para o envio de pautas para o tema **Arte e Política**.

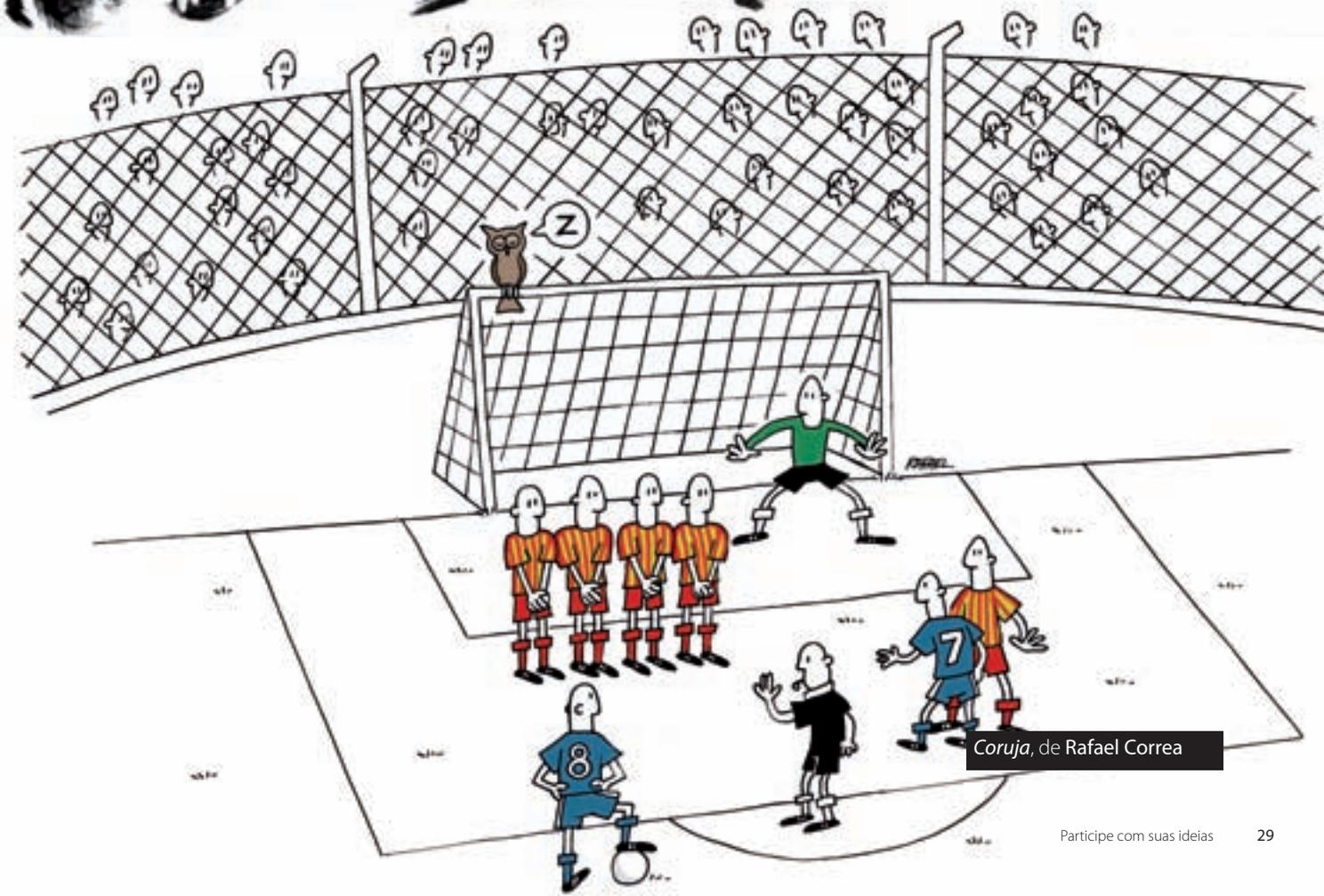
Deadline é uma oportunidade de mesmo aqueles que não desejam ser jornalistas criarem uma reportagem, um dos trabalhos mais importantes dessa profissão. Para concretizar o projeto, o estudante viverá uma experiência como repórter, ao realizar entrevistas e organizar e priorizar informações na hora de escrever o texto, entre outros aspectos. Ao demonstrar quanto é complexa a atividade, a revista não tem outro objetivo senão valorizar a importância dos cursos universitários para a profissionalização nessa área.



área livre

Marçador sobre Papel, de Alexandre Teles

Ilustração (detalhe): Virgílio Neto



Coruja, de Rafael Correa



A Pátria Veste Amarelo, de Rodrigo Ferroni



Futebol, de Humberto Pimentel

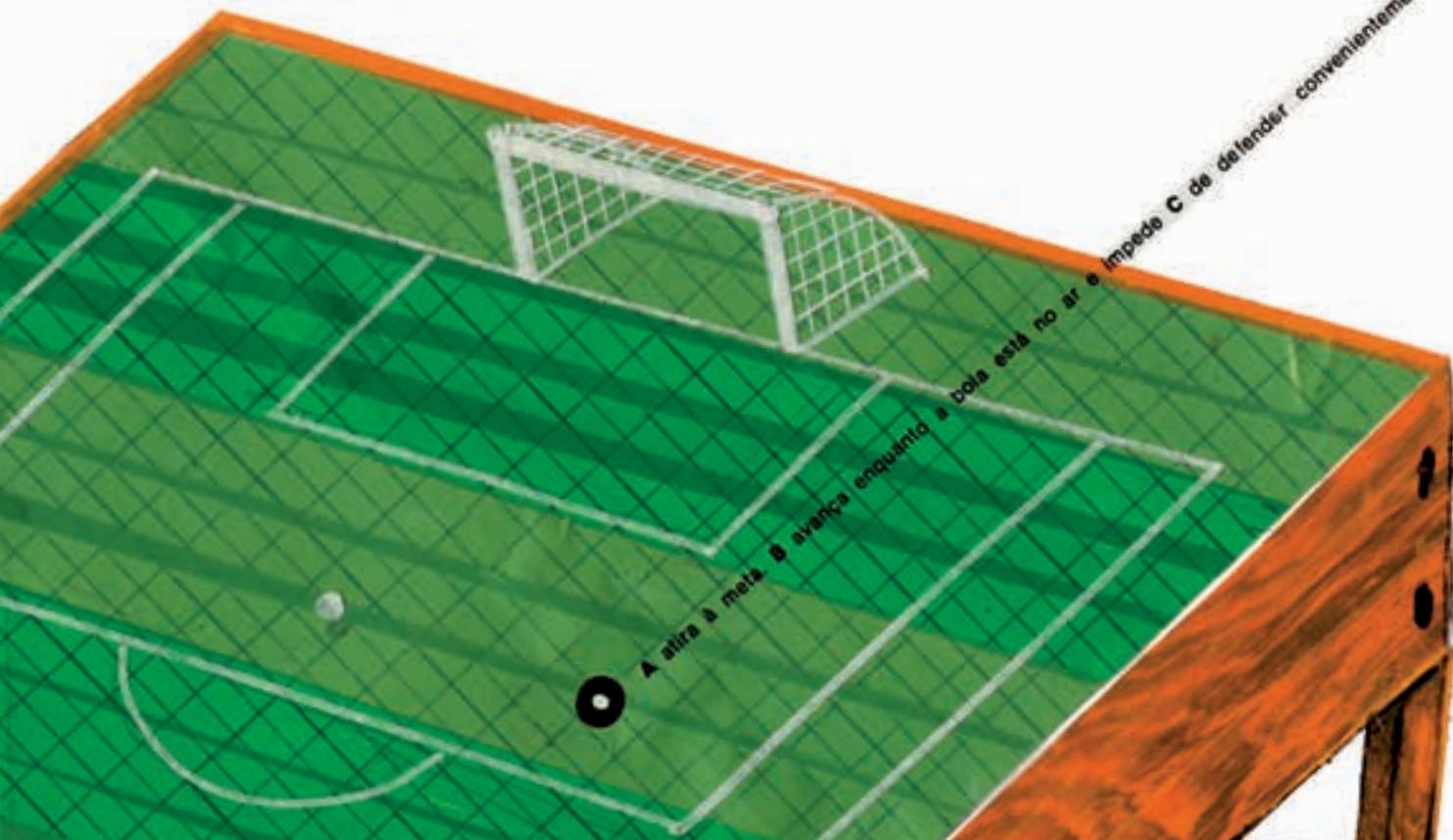


Enquanto Isso no País do Futebol, de Wilson Inacio

E a mãe do juiz, o que é?

Acontecimentos do dia a dia muitas vezes parecem ter sido inspirados em lances futebolísticos. Levante a mão quem nunca teve de driblar com talento uma situação difícil, ou fazer uma forte defesa de suas ideias, ou ainda aquele que não tenha jamais cometido uma gafe daquelas, quando a única solução é mesmo sair à francesa, como um jogador que recebe o cartão vermelho. Pensando na relação entre o futebol e a vida, nove escritores brasileiros criaram pequenas narrativas inspiradas em jogadas que, se ocorressem em uma só partida, com certeza a tornariam um clássico.

Ilustração Isabel Falleiros



Ataque

Por José Roberto Torero

Márcia e Márcio se odeiam. E por isso um faz tudo para provocar o outro.

Ela fala mal da mãe dele.

Ele quebra pequenos objetos dela.

Ela erra na comida.

Ele não conserta os problemas da casa.

Ela (quase sem querer) faz pequenos furos em suas camisas favoritas.

Ele deixa cair cinza no carpete.

A cada irritação que Márcio provoca em Márcia, ele se sente feliz e realizado. A cada surto nervoso que provoca em Márcio, Márcia fica exultante.

No final das contas, talvez formem o casal mais feliz de Amorinópolis, Goiás.

José Roberto Torero, torcedor do Santos, é autor de 13 livros, entre eles *O Chalaça* (Cia. das Letras, 1994). Escreve roteiros para cinema e TV e mantém o Blog do Torero [blogdotorero.blog.uol.com.br], no qual escreve, entre outros temas, sobre futebol.

Impedimento

Por Moacyr Scliar

De todas as mulheres que existem no mundo, eu tinha de me apaixonar logo por uma juíza de futebol, pensava ele, amargurado. A verdade, porém, é que ela tinha todas as qualidades possíveis e imagináveis: era linda, era simpática, era inteligente. Mas, acima de tudo – e isso segundo suas próprias palavras –, era juíza. E como juíza agia, inclusive na cama. Quando achava que ele estava sendo apressado, ou grosseiro, pegava o apito que estava sempre sobre a mesa de cabeceira e apitava: impedimento.

Impedido ele está quase sempre. Sua única esperança: um dia, engolfada pela paixão, ela esquecerá de apitar. E ele então marcará o grande gol de sua vida.

Moacyr Scliar é torcedor-sofredor do gaúcho Cruzeiro por solidariedade ao seu falecido pai. Um dos mais importantes escritores brasileiros, ele define assim o seu time: "1) fundado em 1913, nunca ganhou um campeonato; 2) segundo o folclore porto-alegrense, tinha 18 torcedores (mas acho que não chegava a tanto); 3) seu estádio ficava na chamada Colina Melancólica de Porto Alegre, lugar dos cemitérios (um deles comprou o estádio); 4) de repente, o Cruzeiro passou a fazer façanhas extraordinárias, como excursionar pela Europa e empatar com o Real Madrid; e 5) no mês passado, e após 32 anos, o Cruzeiro voltou à primeira divisão. A esperança é a última que morre".



Pênalti

Por Ivana Arruda Leite

Pense bem antes de falar mal da sogra, ou flertar com o melhor amigo dele, ou pegar a camisa dele emprestada sem pedir licença, ou passar a noite fora de casa sem avisar, ou ultrapassar o limite do cartão de crédito, ou chamá-lo de brocha na frente dos amigos. O ofendido vai se contorcer no chão fingindo uma dor absurda e soltar urros que levarão a plateia às lágrimas. Todos te acusarão e dirão que ele tem direito ao revide. Vocês então serão postos frente a frente e ele lançará um único dardo em direção ao seu coração. Dessa, você só escapa se tiver muita sorte. Ou ele, péssima pontaria.

Ivana Arruda Leite, corintiana, é autora de dez livros, entre contos, novelas e romances, para os públicos adulto, infantil e juvenil. Mantém o blog Doidivana [doidivana.wordpress.com].

Defesa

Por Leandro Sarmatz

Minha mãe, a puta do presídio, enviou outro e-mail hoje à tarde. Se meu pai descobre, é o fim. Desde que vim morar na casa dele, não tenho permissão para me comunicar com ela. Para dizer a verdade, nem sei por que a chamo assim, com esse palavrão terrível. A nova mulher do meu pai vive se referindo a ela dessa maneira, e eu então achei que seria algo *irônico* me expressar nesses termos. Não tenho certeza. Minha mãe vive em outra cidade, e nem é muito longe daqui. Em pouco mais de uma hora de ônibus, é possível chegar até sua casa. Estou tentando economizar para a passagem. Ontem nem lanchei na escola.

Leandro Sarmatz, jornalista, foi gremista na infância em Porto Alegre e se lembra do último jogo que viu no estádio, uma vitória histórica de seu time contra o Flamengo, em 1984 [youtube.com/watch?v=6TXuRmXR90U]. É autor de peças teatrais e dos livros *Logocausto* (poemas, Editora da Casa, 2009) e *Uma Fome* (contos, Record, 2010).



Passe

Por Ronaldo Bressane

Ela adentra as quatro linhas. Do bar. Passa pelo olhar de um boêmio na mesa de canto. É roçada por um olhar na mesa da direita. Ali, um olhar torto retruca o olhar troncho cutucando o olhar do cara ao lado. Este é dominado pelo olhar do sujeito que saiu do banheiro, que vai levando, levando, levando a imagem dela, e quase torce o tronco. Aí ela, meio hesitante, meio distraída, meio tonta, rodopia em diagonal até ser interceptada pelo olhar do garçom que seguia o olhar do cara que saiu do banheiro. O olhar do garçom acaba desviando a atenção dela, que para de repente – talvez uma falha do piso, talvez sem saber para onde rolar. Nisso, um boêmio esperto aos passes a convida à sua mesa. “Por que não?”, ela sorri. Eufórico, ele levanta o dedo indicativo para o ar. Ela se senta, aguarda atenta o recomeço do jogo. O garçom, que estava de olho, aproxima-se. Dois chopes. Alguns olhares do bar vibram com a jogada. A maioria quer furar o olho do atacante.

Ronaldo Bressane, corintiano, é jornalista e escritor. Organizou, pela Cia. das Letras, a coletânea *Esta História Está Diferente – Dez Contos para Canções de Chico Buarque*, recém-lançada. Mantém o blog Impostor [impostor.wordpress.com], no qual futebol e literatura dividem democraticamente o espaço.

Chute

Por Samarone Lima

Fiquei triste na época – aquele exagero dos jornalistas – como se o meu problema fosse uma doença. Tudo porque sou analfabeto e passei no concurso da Justiça. Ah, mas era para ser ascensorista! A pessoa precisa saber ler para ficar sentada apertando número de andar? Sou analfabeto, mas só das letras. Tem gente que lê como um campeão, mas nunca acertou uma centena no bicho. Foi tudo no chute mesmo. Chute pensado, programado, coisa de cientista. Ninguém fala dos analfabetos do chute. Mas agora passou, nem ligo. Vou chutando como posso.

Samarone Lima, jornalista e escritor, é torcedor do Santa Cruz, clube temporariamente na série D do Campeonato Brasileiro. Zagueiro raçudo do Caducos F. C. aos domingos, bom na antecipação, mas com limitações na saída com a bola dominada. O nome de batismo é uma homenagem a Samarone, lendário craque do Fluminense.

Gol

Por Cintia Moscovich

No sonho do pai, Júnior seria rico. Por isso, tão logo caiu o umbigo do bebê, deu um jeito de enterrar a carnezinha no gramado do Maracanã. O filho entraria para a história dos goleiros. A Muralha. O Arqueiro de Elástico. O Depenador de Frangos.

O pai chegou a clamar contra os céus quando Júnior confessou que detestava futebol. Doeu mais que descobrir o namoro do filho com o baiano Juvenal, conhecido por fazer salgadinhos finos para fora.

O velho morreu de infarto sem saber que as coxinhas com catupiri seriam o carro-chefe da rede, que tem franquias até no exterior. Chicken´s, o Rei do Frango.

Cintia Moscovich, gremista “sem ser fanática”, é escritora e jornalista. Publicou, entre outros, o livro de contos *O Reino das Cebolas* (L&PM, 1996) e a novela *Dois Iguais* (L&PM, 1998).

Falta

Por Mário Araújo

O que faz aquele corpo estirado no chão? – perguntou o menino, farejando a morte que nem sequer conhecia.

Não se preocupe – disse o pai –, está apenas dormindo.

Apostando no alívio do pequeno, o pai protegeu a ambos sob o guarda-chuva enquanto saltavam até a próxima marquise. Para mim, é o contrário, pôs-se a pensar. Se estivesse morto, tanto melhor: teria sido um acidente, um infarto, circunstâncias das quais nenhum homem está livre. Mas assim, dormindo, com a própria carne a servir de colchão entre os ossos e a calçada...

Na primeira esquina, viraram: o menino, reconfortado; e o pai, aflito.

Mário Araújo é torcedor do Coritiba. Publicou os livros de contos *A Hora Extrema* (7Letras, 2005), vencedor do Prêmio Jabuti em 2006, e *Restos* (Bertrand Brasil, 2008).

Drible

Por Xico Sá

Garrinchou pra cima do adversário e dá-lhe bronca; o técnico queria jogo pragmático, saca? Prancheta, esquema 3/5/2, obediência tática, drible apenas como último recurso da humanidade e em direção ao gol, certo? Vence na vida o homem objetivo, ecoa preleção de autoajuda no vestiário. Entendeu, Vilsinho? Perfeitamente, professor, o time está unido, disse no rádio.

Para quem driblara o futuro ainda na placenta e pusera a cara na vida pedalando sobre o azul do desamparo, a obediência era a morte precoce. Ressuscitou em

lampejo de moonwalk em homenagem ao ídolo Michael Jackson. Atraía o zagueiro em marcha a ré flutuante; o beque, enfeitado, sucumbia ao fantasista, que disparava rumo ao nada, poeta. ▣

Xico Sá é jornalista e escritor. Torcedor do Icasa de Juazeiro, do Sport e do Santos, acaba de lançar o livro de crônicas e contos *Chabadabadá – Aventuras e Desventuras do Macho Perdido e da Fêmea que se Acha* (Record, 2010). Mantém o blog O Carapuzeiro [carapuzeiro.zip.net], em que o futebol é um dos temas mais comentados.

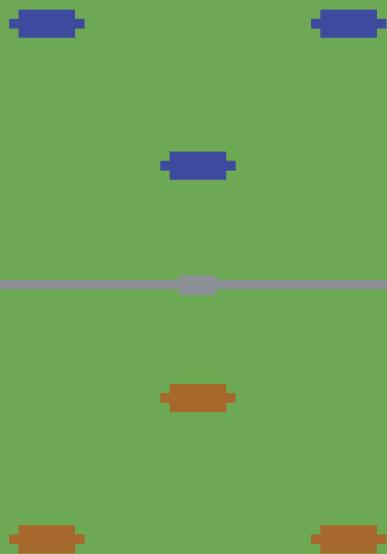


Próxima partida: homem x máquina

A evolução dos games de futebol revela como será a integração do homem com a cultura digital.

Por Jean-Frédéric Pluinage

A disputa pela bola já ultrapassou o espaço físico do estádio. É no gramado digital que ocorre um número ilimitado de partidas intensas, tão emocionantes quanto uma final de campeonato, seja entre amigos, seja contra o computador. Disputas que revelam uma evolução na relação do homem com seu meio digital. As simulações vão além da transposição do futebol a que se assiste na TV: elas criam outras formas de experimentar a narrativa do futebol – de telespectador passivo nós nos tornamos o próprio atleta, sua equipe, seu técnico e o diretor do time.



Game Pelé's Soccer, de 1981, da Atari

Primeiro tempo: do campo para as telas

O avanço da tecnologia sempre foi o grande aliado na popularização do futebol. Avanço que marcou 1954 como o primeiro ano em que uma Copa foi televisada, também consagrou o campeonato de 2010 como a Copa da alta definição, devido à qualidade das TVs de tela fina. O game não ficou atrás e logo incorporou o futebol na sua linguagem interativa.

Jogos esportivos acompanham a história do videogame desde o começo deste: o primeiro game de sucesso comercial foi Pong, abstração extrema de uma partida de tênis de mesa. O futebol então ganhou sua versão digital durante a ascensão dos consoles Atari e Intellivision,

Pode-se simular com precisão atletas famosos, estádios, ligas, torneios oficiais e até condições do tempo, da altitude e da direção do vento. O próprio realismo é destacado como diferencial entre as duas principais concorrentes do mercado, a Konami, com o Pro Evolution Soccer, e a Electronic Arts, com o Fifa Soccer. No Pro Evolution as jogadas são mais fáceis e precisas. Com a estabilidade do passe, o jogo adquire um foco muito mais tático e objetivo, voltado para ataques dinâmicos contra as fraquezas do adversário. Já o Fifa Soccer tem passes mais complexos e a perda da precisão é compensada pela simulação mais realista de uma partida de futebol.

Mas o que há de realidade em um game no qual é possível assumir o papel de vários atletas e seu técnico?

O que há de realidade em um game no qual é possível assumir o papel de vários atletas e seu técnico? Que simulação é essa se em uma partida real somos ora o atacante, ora o zagueiro, o volante, mas nunca toda a coletividade?

no início dos anos 1980. Em 1982 foi criado o Football Manager para o ZX Spectrum. O game foi pioneiro ao colocar o jogador no papel de um técnico, inaugurando o gênero de gerenciamento de times: em vez de controlar passes e fazer gols, o objetivo era comprar e vender atletas, manter a moral da equipe alta e conquistar um lugar na primeira divisão. Atualmente os principais jogos mesclam tanto o estilo arcade (controle dos atletas) quanto o manager (controle do técnico): durante a partida, controla-se a equipe, mas também é possível mudar o esquema tático, fazer substituições. E entre uma partida e outra há opções para treinamentos, escalar novos jogadores, montar o time dos sonhos.

A montagem desse time perfeito revela mais do que um jogo entre duas equipes fictícias: a partida deve assimilar todo o real.

Que simulação é essa se em uma partida real somos ora o atacante, ora o zagueiro, o volante, mas nunca toda a coletividade – um time inteiro e seu mentor? “Essa simulação troca os papéis a qualquer momento, ou seja, em qualquer narrativa de jogo temos a determinação de quem irá atuar”, explica Sabrina Carmona, formada em tecnologia em jogos digitais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP) e mestranda que pesquisa o percurso narrativo do game e os atributos do jogador. Essa narrativa única do game permite a apreensão do espírito coletivo do futebol, com o ponto de vista e as ações de todos os seus personagens, o que forma uma experiência inerente ao game e impossível fora dele. “O gamer encarna diversos papéis temáticos de acordo com o que o programa narrativo oferece, mas acredito que essa simulação não é plena, é parcial. Para ser completa a competência física também tem de ser articulada”, enfatiza.





Alunos da FEI observam uma partida de futebol entre robôs | foto: divulgação

Se a interação final entre máquina e homem no futebol for uma partida real, e não uma simulação, então o jogo já tem data marcada: 2050. Essa é a previsão de quando uma equipe de robôs irá ganhar uma partida contra campeões mundiais de futebol.

Segundo tempo: das telas para o campo

E se os próximos games de futebol previssem a interação física dos jogadores? Depois da evolução por meio de simuladores, o futebol digital poderia invadir o mundo físico. Isso se deve às novas tecnologias 3D e de detecção de movimentos como o Project Natal, da Microsoft, e o Playstation Move, da Sony.

Ou seja, poderemos interagir com os games pelo movimento do nosso corpo. Para os jogos esportivos será a possibilidade de fazer dribles reais contra

um Ronaldinho virtual. Então iremos realmente jogar futebol contra a máquina? Não, nada de uma partida real, apenas a simulação dela com movimentos suaves, para não quebrar os vasos da sala. “Nada vai substituir a atividade física em si. Mas se a simulamos, usando todo o nosso corpo, estamos na verdade fazendo-a”, explica Sabrina.

Mas se a interação final entre máquina e homem no futebol for uma partida real, e não uma simulação, então o jogo já tem data marcada: 2050. Essa é a previsão de quando uma equipe de robôs irá ganhar uma partida contra

campeões mundiais de futebol. Isso significa um marco da superação robótica, assim como 1997 foi o ano em que o computador Deep Blue venceu Garry Kasparov, o maior enxadrista do mundo. A previsão foi criada pelos organizadores da Robocup (robocup2010.org), competição anual de futebol com robôs dividida em várias ligas e que visa ao avanço da pesquisa em robótica e inteligência artificial. A competição de 2010 irá ocorrer em Cingapura e contará com a participação de estudantes do Centro Universitário da Fundação Educacional Inaciana (FEI), de São Paulo. “Durante a partida não existe absolutamente nenhuma interação nossa com os robôs, eles são completamente autônomos e tomam decisões individuais e em grupo, baseados em seus próprios raciocínios”, explica Ângelo Gurzoni Jr., um dos membros da equipe brasileira que irá para a Robocup. E a previsão de finalmente sermos

vencidos pelas máquinas? “Achava que o objetivo de criar robôs campeões em 2050 era apenas um slogan, mas após participar de conferências de robótica com os japoneses vejo que é possível. As principais dúvidas não são de computação e programação, mas de ordem física, como funcionará a bateria, por exemplo”, explica Reinaldo Bianchi, professor universitário de engenharia da FEI.

Prorrogação – multiplicando os campos

O futebol revela uma integração única do homem com seu universo hipermediático. De torcedores passivos diante dos televisores nós nos tornamos a coletividade do esporte nos simuladores, e agora integremos o espaço físico do estádio com o campo ilimitado do mundo digital, para competirmos contra hologramas tridimensionais ou robôs. O futebol sempre foi um intermediador entre diferentes povos e culturas, nada mais natural que ele se torne uma interface entre humanos e sua cultura digital. ■



Game Pro Evolution Soccer nas versões 2011 e 2010



Bons de bola

O futebol em filmes, livros, quadrinhos e fotos.

Por André Seiti | **Fotos** divulgação

FOTOGRAFIA

Brasileiros Futebol Clube, de Ed Viggiani (Tempo d'Imagem, 2006)

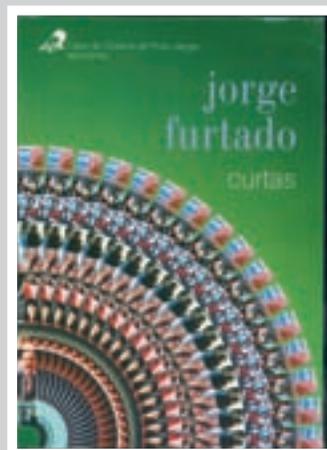
O fotógrafo paulista Ed Viggiani percorreu o país registrando as diversas facetas do futebol. As imagens, feitas tanto nos tradicionais estádios quanto nos campinhos improvisados, captam as expressões dos torcedores durante as partidas, o clima, o ambiente dos jogos e, principalmente, a paixão dos brasileiros pelo esporte.



CINEMA

Barbosa, de Ana Luiza Azevedo e Jorge Furtado (Casa de Cinema de Porto Alegre, 1988)

Um homem volta no tempo para tentar mudar um fatídico episódio nacional: a derrota brasileira contra o Uruguai na final da Copa de 1950, em pleno Maracanã. Sua intenção é avisar o goleiro Barbosa (considerado por muitos o grande vilão da partida) sobre a trajetória da bola, no chute do atacante Ghiggia, que resultou no gol do título. No entanto, alterar o curso da história pode ser uma missão quase impossível. A produção faz parte de uma coletânea de curtas do cineasta Jorge Furtado.



LITERATURA

A Presença do Futebol na Música Popular Brasileira, de Assis Ângelo (independente, 2010)

A combinação de futebol com música já rendeu bons frutos à MPB. E este livro do jornalista paraibano Assis Ângelo reúne e analisa as mais significativas composições e gravações sobre o esporte bretão, como "1X0", de Benedito Lacerda e Pixinguinha; "Samba Rubro-Negro", de Wilson Batista e Wilson de Castro; e "O Brasil Há de Ganhar", de Ary Barroso. Feita após 20 anos de pesquisa, a publicação ainda traz um CD com canções interpretadas pelo próprio autor e outras pérolas cedidas pelo Instituto Moreira Salles, como a primeira música a falar de futebol.



Capa: Kobra

LITERATURA

Recados da Bola, de Jorge Vasconcellos (CosacNaify, 2010)

Sócrates, Rivelino, Barbosa, Didi, Zito, Nilton Santos, Djalma Santos, Zizinho, Jair Rosa Pinto, Ademir Menezes, Domingos da Guia e Bellini. As histórias, os bastidores e os depoimentos inéditos de uma seleção de peso, formada por jogadores que atuaram em diferentes épocas. O livro é ilustrado com uma rica – e muitas vezes curiosa – coleção de fotos.



CINEMA

Subterrâneos do Futebol, de Maurice Capovilla (Videofilmes, 1968)

A chamada "paixão nacional" é o tema central deste documentário, que aborda desde o sonho de riqueza dos jovens aspirantes e dos jogadores profissionais até a obsessão de grande parte da população pelo esporte. O filme também adota um tom crítico ao tratar o futebol como um instrumento de alienação. Originalmente, a obra integrou a série Brasil Verdade, coordenada pelo fotógrafo Thomaz Farkaz, e foi recentemente lançada em DVD como parte do Projeto Thomaz Farkas.

QUADRINHOS

Dez na Área, Um na Banheira e Nenhum no Gol, de vários autores (Via Lettera, 2009)

Este álbum traz 11 histórias em quadrinhos de autores como Allan Sieber, Samuel Casal, Caco Galhardo, Fábio Moon e Gabriel Bá. Organizado por Orlando Pedroso, presta uma homenagem bem-humorada ao esporte mais popular do Brasil. A publicação conta com texto introdutório de José Roberto Torero [leia texto do autor na página 33] e prefácio do craque Tostão.

deadline

A melhor seleção do mundo

Enquanto os jovens sonham com salários milionários, os velhos só querem jogar futebol.

Por Luís Carrasco | Fotos André Seiti

O time Água Branca Society, de São Paulo, é uma prova de amor ao futebol e um pretexto para que homens barbados e bocas-sujas possam se reunir nos fins de semana em nome de outro amor: aquele que eles sentem um pelo outro. Amor de irmão, que fique bem claro. E como irmãos que são os jogadores do ABS discutem, xingam-se, mas não se abandonam. Entre tapas, beijos e caneladas, já se vão 25 anos juntos. O problema é que os barbados estão cada vez mais carecas, grisalhos, cansados. O técnico Waldir Nardi está preocupado. Sabe que precisa renovar o quanto antes seu elenco de atletas domingueiros para salvar a equipe.

Dos dez times que disputam o Campeonato Paulista de Futebol Society, o ABS é apenas o nono. Mesmo na rabeira da tabela, Nardi não desanima. Convoca, via e-mail, os amigos e os amigos dos amigos, em busca de pernas e pulmões mais jovens e descansados. A seleção dos jogadores não é das mais criteriosas, mas os furos da peneira do Água Branca não são tão largos quanto parecem. Para passar, não basta jogar bola. Tem de se entrosar com a “família”.

“Ano passado a gente limou um goleiro. Ele falava muita besteira e ninguém no time ia com a cara dele”, lembra Nardi, que, além de técnico, é fundador, patrocinador e maior artilheiro da história do ABS. Marcou 945 gols (anotados, todos, com direito aos dias e aos nomes dos adversários). “Já sonhei em chegar aos mil gols, mas relaxei demais.” Com 47 anos e 140 quilos, desistiu de voltar aos gramados sintéticos.

“Se o gordo perdesse uns 50 quilos, seria artilheiro do campeonato”, garante José Francisco Lopes, o Zé. Goleiro do Água Branca desde os tempos em que Nardi era magro, ele sente saudades de um atacante matador no seu time. Homem de poucas palavras e muitos palavões, o goleiro esbraveja todo santo jogo. Xinga tanto os que não dominam seus lançamentos como os que atrapalham suas defesas. Talvez fale tantas besteiras quanto o outro que foi “limado”, mas tem moral. Já ganhou seis troféus de goleiro menos vazado. Além disso, é amigo de infância do técnico. É um dos veteranos do ABS.



O Água Branca entra em campo para mais um jogo: cena que se repete há 25 anos

Velha guarda

O time foi fundado no dia 23 de agosto de 1985. Nardi foi quem teve a ideia (e a saudade). Sentiu falta de seus amigos de colégio e das peladas disputadas nas ruazinhas do bairro paulistano da Água Branca. Chamou,

Hoje, o ABS é uma das equipes mais tradicionais do futebol society na cidade de São Paulo. Conquistou 25 taças, devidamente expostas na sala de troféus (que por coincidência fica na casa de Nardi). Em 2007, dois

Dos dez times que disputam o Campeonato Paulista de Futebol Society, o ABS é apenas o nono. Mesmo na rabeira da tabela, Nardi não desanima. Convoca, via e-mail, os amigos e os amigos dos amigos, em busca de pernas e pulmões mais jovens e descansados.

então, seus ex-colegas de classe para jogar num campo de terra batida na Freguesia do Ó, com outros companheiros. Vieram tantos parceiros das antigas que Nardi resolveu criar o Água Branca. Primeiro com o nome de Vilão, em homenagem à vila onde jogavam bola na infância. Depois, com o nome do bairro onde cresceram.

jogadores do time, Edson Orsi e João Paulo Mantovani, foram escolhidos para fazer parte da Seleção Brasileira de másteres (veteranos, no português claro). O ABS já jogou até contra o Neymar, atacante do Santos, numa inauguração de quadra na Baixada Santista. Bons tempos. Que talvez voltem, quem sabe? É o que espera o técnico.



O bolsão azul-bebê presencia os últimos preparativos no vestiário

“A gente está tentando entrosar uma molecada no time, mas não adianta trazer um menino para jogar se ele não funcionar dentro do grupo. O espírito maior é o da amizade”, afirma Nardi. E, enquanto os moleques trazidos não se entrosam, os mais velhos se esforçam para escapar da penúltima posição da tabela. Das dez equipes que disputam o Paulista, apenas oito se classificam para a fase mata-mata.

Antes e depois do jogo

Os jogadores caminham para o vestiário, enquanto Zé acaba seu cigarro. Na TV, é dia de jogo do Brasil contra a Costa do Marfim. É Copa do Mundo, mas ninguém se importa. Numa quadra de futebol society na Pompeia, o verdadeiro clássico: ABS x Laranja.

No vestiário, não são discutidos esquemas táticos, posições em campo, nada. Abre-se um bolsão azul-bebê

de onde cada jogador tira uma camisa, um calção e um par de meias. O responsável pelo material é Pedro, de 9 anos, filho do goleiro. “É o roupeiro oficial do time”, brinca Nardi. Além do bolsão, Pedro entra no vestiário com uma corneta (ou vuvuzela, como queiram) e atormenta a concentração dos atletas domingueiros, que o ameaçam com croques. Ele dá risada, se diverte. O clima é descontraído, mas nem tanto. O técnico lembra de uma história que talvez inspire seus jogadores. “Teve um campeonato em que a gente tava nessa mesma situação. Nosso time era um catado, ninguém se conhecia direito. Aí o Kazu (Flávio Nagamini, outro veterano) trouxe uns japoneses que faziam estágio na empresa dele pra jogar com a gente. Eles não falavam nada de português. Quando entraram em campo, a gente só via bola entrando na rede do outro time. Fomos até as semifinais nesse ano”, conta.

Saindo do vestiário, os jogadores se encontram com o juiz da partida, que se apresenta com ares de autoridade e pede ao time que inicie seu aquecimento dentro de

campo. “Tô fumando”, grita Zé, já no segundo cigarro. O juiz careca de relógio branco olha para o goleiro cerrando as sobrancelhas, mas quando percebe que é o Zé abre um sorriso e vai ao seu encontro para cumprimentá-lo. “Olha quem vocês desenterraram!”, comenta. O jogo começa. Em 25 anos, os veteranos do Água Branca conheceram centenas de árbitros. Até conversam com

No intervalo do jogo, nada de bebidas isotônicas. Água da torneira é o que se tem. Aos que saem machucados gelo do bar. Aos exaustos depois de dois tempos de 20 minutos cerveja. Hora de lamentar mais uma derrota.

eles de vez em quando, mas nem por isso deixam de xingá-los. “Abre o olho, japonês!”, grita Nardi para o outro juiz da partida (são dois no futebol society), que corre na lateral do campo e não marca as faltas que ele marcaria.

No intervalo do jogo, nada de bebidas isotônicas. Água da torneira é o que se tem. Aos que saem machucados gelo do bar. Aos exaustos depois de dois tempos de 20 minutos cerveja. Hora de lamentar mais uma derrota. E as derrotas custam caro. Cada torneio sai em média por R\$ 4 mil. Só o campeão garante uma premiação em dinheiro, que mesmo assim não passa dos R\$ 2 mil. O Água Branca, que não tem patrocínio (sem contar o do técnico), vive de vaquinhas. Nem todos conseguem contribuir, “mas ninguém vai deixar de jogar aqui por falta de grana”, afirma Nardi.

Se nos grandes clubes os atletas cobram salários cada vez mais altos para jogar futebol, os domingueiros do Água Branca trabalham a semana inteira para sustentar o time que lhes deu tantas alegrias. Em 25 anos, o ABS se tornou uma verdadeira seleção de amigos, que não se contentam em assistir à bola rolar pela televisão. Querem jogar, sempre. E, se o sucesso de uma equipe está na união do grupo, o Água Branca é, com certeza, a melhor seleção do mundo. ▣

Luís Carrasco, de 22 anos, é estudante do quarto ano de jornalismo na Faculdade Cásper Líbero, de São Paulo.

Waldir Nardi, técnico e fundador do time



O lado de lá do lado de cá

Fotos Garapa

A alegria de um gol, o sufoco na cobrança de uma falta, a ansiedade pelos resultados, por passar para a próxima fase e enfrentar adversários mais fortes. Os erros grosseiros dos árbitros, as jogadas perdidas, os cartões amarelos e vermelhos. A derrota acachapante, a perda da ilusão. Torcedores brasileiros em várias partes do mundo têm suas reações registradas, via Skype, enquanto assistem aos jogos da seleção na Copa de 2010.

15 de junho de 2010 – Brasil 2 x 1 Coreia do Norte
Aos 89 minutos, Ji Yun Nam marca o gol norte-coreano

20 de junho de 2010 – Brasil 3 x 1 Costa do Marfim
Aos 86 minutos, Kaká é expulso



Tel Aviv, Israel: Itai e Ticiania Sim



Madri, Espanha: casa de Maria Rosa Barros Pereira



San Diego, Estados Unidos: Zé Paulo Forgiarini e amigos



Barcelona, Espanha: Benoni Zorzi

25 de junho de 2010 – Brasil 0 x 0 Portugal
Aos 59 minutos, Júlio César faz boa defesa e revela faixa de proteção nas costas



Paris, França: Vanessa Alves



Wassenaar, Holanda: Karina Alvarenga e Renata Braga



Estocolmo, Suécia: casa de Deise Soares



Londres, Inglaterra: Fábio Tavares e amigos

2 de julho de 2010 – Brasil 1 x 2 Holanda
Aos dez minutos, Robinho abre o placar



Quincy, Estados Unidos: Reginaldo Barosa



Oizumi, Japão: Restaurante Tashiros

Aos 68 minutos, a Holanda vira o jogo



Quincy, Estados Unidos: Reginaldo Barosa



Oizumi, Japão: Restaurante Tashiros

Questão de fé

Quem nunca fez uma promessa para o time do coração ganhar que atire a primeira pedra.

Por Micheline Verunschck



Figa, São Jorge, trevo-de-quatro-folhas... Vale tudo na hora de torcer pelo time do coração | montagem a partir de fotos do stock.xchng

O futebol é um jogo de poder no qual dois exércitos combatem pela posse de um território quase subjetivo, a bola no gol. Jogo de poderes e afetos no qual os espectadores torcem e, não raramente, acreditam que apenas por torcer detêm o poder (de novo ele) de alterar o rumo da batalha épica de 90 minutos, como se aquilo continuasse fora dos gramados, numa espécie de universo paralelo em que vale tudo. Assim, para além da competição esportiva, o futebol conta com a sorte e, talvez por isso mesmo, seja também uma questão de fé, quase que um sacramento para o verdadeiro torcedor, aquele para quem o lema “na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, na primeira, na segunda ou na terceira divisão até que a morte os separe” não soa em nada absurdo.

Para o ex-técnico da Seleção Argentina Carlos Bilardo, noivas dão sorte, tanto que, em 1990, um dia antes de enfrentar a Seleção Brasileira, ele e seus 22 jogadores interromperam uma festa de casamento para que a noiva os cumprimentasse um a um.

Se é para ajudar o time do coração não se medem esforços: pode-se apelar à Virgem Maria, a todos os anjos e santos – passando pelas entidades da umbanda e pelo repertório pessoal de pensamentos e ações que, sem qualquer explicação lógica, acabam se tornando portadores de uma magia muito específica e peculiar, a de auxiliar um time em detrimento de outro, tornar o caminho do gol mais próximo ou mais distante, conforme o que se deseje. Assim, promessas, despachos, amuletos, hábitos e obsessões se transformam em arsenal ou estratégias que são utilizados em dia de disputa como se, de alguma maneira, aquele que os utiliza pudesse ser um jogador a mais no gramado (sim, pois também existem “os gols espíritos”).

Mandinga de técnico

O folclore futebolístico é um dos campos mais férteis para quem deseja se aventurar em questões de fé ou superstições. E isso não é privilégio apenas do torcedor anônimo, aquele que lota os estádios usando a bandeira

do seu time como uma capa de super-herói ou que gruda os olhos na TV enquanto rói as unhas e reza baixinho. Mesmo os treinadores, ou principalmente eles, que sabem que a máxima corroída pelo tempo de que “futebol é uma caixinha de surpresas” tem lá suas razões, pagam seu tributo aos caprichosos deuses da sorte.

O ex-jogador e ex-técnico da Seleção Brasileira Mário Jorge Lobo Zagallo, com sua adoração pelo algarismo mais temido pela maioria, o 13, é um dos exemplos de que a superstição pode, sim, ser convocada para jogar com status de titular. Aliás, em diversas entrevistas, Zagallo fez questão de salientar que esse afeto pelo número 13 é mesmo uma questão de fé. Devoto de Santo Antônio, cuja festa se comemora no dia 13 de

junho, o treinador sempre tem uma medalha do santo junto ao peito e conta-se que se uma partida ocorresse nesse dia ele não hesitaria em pendurar uma estatueta do santinho português de cabeça para baixo para atrair gols, exatamente como fazem as moçoilas casadoras para atrair marido. Não por acaso, o ex-técnico casou no dia 13 de fevereiro, mora num 13º andar e ganhou 13 partidas em diferentes Copas.

Para o ex-técnico da Seleção Argentina Carlos Bilardo, noivas dão sorte, tanto que, em 1990, um dia antes de enfrentar a Seleção Brasileira, ele e seus 22 jogadores interromperam uma festa de casamento para que a noiva os cumprimentasse um a um. Quer se acredite, quer não, na partida do dia seguinte a festa foi azul e branca. Bilardo coleciona ainda uma série de hábitos e superstições. Não entrava em campo a não ser acompanhado de uma imagem da Virgem Maria e proibia seus jogadores de comer frango, pois, segundo ele, a ave dá azar.

Pero que las hay, las hay

Se as forças ocultas ajudam, vez por outra elas podem atrapalhar. Conta-se que o Náutico, time pernambucano, amargou uma má fase por uma dívida não paga a Zé Pelintra, entidade do candomblé. Nos anos 1960, o babalorixá Pai Edu era uma espécie de consultor do time que seguia campeão nas partidas que disputava. Por exigência das esposas dos dirigentes do clube, o babalorixá foi afastado. Uma, duas, sete derrotas seguidas. Chamado de volta, Pai Edu recebeu a promessa de que se o time comesse a fazer bonito novamente Zé Pelintra ganharia um boi em sacrifício. Em 1967, o Náutico foi pentacampeão. Mas a dívida não foi paga. Somente em 1999, quando não só o boi, mas quatro bodes e oito galinhas foram entregues em pagamento da promessa, é que voltaram as boas campanhas, assim juram os torcedores mais crentes.

Em grande parte as forças que atrapalham não são assim tão poderosas, mas conseguem, sim, fazer um estrago. Às vezes, elas não hesitam em marcar gols contra. Que o diga a cruzeirense Lilian Alcântara, uma das primeiras

O mais amoroso

Não poderia fechar esta matéria sem falar do meu amor incondicional pelo Santinha. Sim, o tricolor pernambucano. Aliás, a frase do início desta reportagem eu costumo repetir a quem ri da minha paixão: “Na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, na primeira, na segunda, na terceira e na quarta divisão até que a morte nos separe”. Essa paixão nasceu de uma rivalidade de infância com uma amiga rubro-negra. Na época, eu morava em Garanhuns, interior pernambucano, e via desfilar com graça o torcedor mais fanático de todos, Jairo Mariano da Silva, o Bacalhau, que se tornou assim fervoroso por causa de uma promessa feita após a morte do pai. Eu era criança e Bacalhau já era um mito, por

sua casa pintada nas cores do Santa Cruz, por sua indumentária extravagante e inconfundível, por ser tricolor até os dentes (que arrancou para colocar uma dentadura nas cores do time). Eu era bem pequena e me lembro como se fosse hoje de ele entrando na padaria em que eu estava com o meu pai. Era 1977, Bacalhau vestia uma calça marrom de pernas largas, a camisa do time, óculos enormes vermelhos, pretos e brancos, e nos sapatos de bico fino duas bandeirinhas tricolores espetadas. Aquele encontro me encheu de espanto e curiosidade, por ele, pelo seu time, e não consegui desgrudar os olhos nem por um minuto de sua figura. Nunca mais o vi, mas se o visse novamente tenho certeza de que por alguns instantes voltaria a ter 5 anos de idade. (MV)

“Quando meu pai morreu, jogamos parte de suas cinzas no Pacaembu. Então, sempre que o time está mal eu olho para o local onde joguei as cinzas e meio que ‘converso’ com ele.” (Danilo Vilarinho Cajazeira)

colaboradoras do blog Gol de Letras [gol-de-letras.blogspot.com], em que torcedores de vários times do país analisam o futebol pelos mais diversos pontos de vista: “Tive uma criação bastante católica. Muitas vezes encontrei santinhos de novenas nas gavetas, ou vi minha mãe pagando promessas aos santos. Com relação ao futebol, no entanto, eu pensava ser a única de minha casa a fazer juramentos, até o dia em que meu pai contou que usava a mesma cueca em jogos decisivos. Se fosse jogo de classificação o time podia até perder, mas não era eliminado. Ele também conta que teve um short que dava sorte e outro que dava azar. Começamos a perceber que quando víamos o jogo juntos o Cruzeiro era derrotado, ou jogava mal. É tanta superstição e tanta promessa que às vezes uma ou outra passa batida e nos acusamos de deixar o time perder.”

A botafoguense Júlia Moreira também tem um pé frio na família e é adepta da máxima “Parentes, parentes, partidas de futebol à parte”. “Minha paixão pelo Botafogo é tanta e meu sofrimento durante as partidas é tamanho que minha família se compadece e termina torcendo para o meu time. Tenho um tio que é vascaíno; neste ano, vimos dois jogos juntos. O primeiro foi um fatídico 6 x 0, quando jurei que não veria outro com ele. Porém não teve jeito, na final da Taça Guanabara, entre Botafogo e Vasco [partida realizada no dia 21 de fevereiro, no Maracanã], como a família estava toda junta, vimos o jogo lado a lado. Foi um sofrimento muito grande, mas vencemos. Apesar da vitória, se eu puder escolher não vejo mais nenhuma partida com ele.”



O que para alguns é sinal de azar para outros é um poderoso talismã | foto: stock.xchng

Entre a fé e o afeto

Para o professor Danilo Vilarinho Cajazeira, o amor pelo Corinthians foi à primeira vista. “Meu pai era carioca e torcedor do Fluminense. Quando comecei a me interessar por futebol, ele me explicou sobre os times de São Paulo. Disse que podia me levar aos jogos de cada um se eu quisesse. Fui a um do São Paulo – eu achava que São Paulo era o time da cidade de São Paulo, Corinthians o da cidade de Corinthians e assim por diante – mas não gostei. No seguinte, do Corinthians, eu me apaixonei pela torcida. Virei corintiano e quis ser baterista, o que acabei sendo depois. O Palmeiras e a Lusa acabei nem indo ver. Com o tempo, meu pai acabou se apaixonando também.

Danilo é ateu, mas isso não o impede de ter muitas superstições. “São manias que me ajudam a lidar com situações de tensão durante as partidas”, diz ele. Beijar medalhinhas, usar camisas da sorte e assistir ao jogo com um dos seus gatos no colo são alguns de seus hábitos. Colocar as duas mãos na cabeça para dar sorte na cobrança de pênaltis também. Uma, porém, é muito especial e guarda no gesto “toneladas” de afeto:

“Quando meu pai morreu, jogamos parte de suas cinzas no Pacaembu. Então, sempre que o time está mal eu olho para o local onde joguei as cinzas e meio que ‘converso’ com ele. Além disso, antes de todo jogo beijo minhas tatuagens do Corinthians e do meu pai.”

As pátrias de chuteiras

Quer se acredite, quer não nas práticas supersticiosas, nos passes de magias, nas obsessões e manias, o futebol é, sim, um fenômeno cultural que diz muito sobre um povo, suas raízes, crenças e costumes. E elas não são privilégio apenas dos países de sangue quente como o nosso. Um bom exemplo é o ex-jogador da Seleção Francesa Laurent Blanc. Na Copa de 1998, ele beijou a careca do goleiro Barthez antes de cada partida. E a coisa deu certo. Naquele ano, a França levou o cobiçado título: 3 x 0 contra o Brasil. Para nós, nem reza braba deu jeito, pois o santo deles foi o mais forte. ▣

Por amor à camisa

O futebol não seria o mesmo sem objetos inventados para proporcionar o espetáculo que se vê a cada partida.

Por Marco Lourenço

Em uma casa do interior de São Paulo, a camisa chegou pela primeira vez em janeiro de 1995. Ficava muito larga no garoto de 10 anos, que a vestia de teimoso. Feita 100% de poliéster, ela chamava atenção entre suas velhas camisas de futebol, e não era pelo mesmo motivo pelo qual se destacou neste ano a nova camisa da torcida holandesa: graças a um sistema de termossensibilidade, ela muda da cor marrom para a laranja conforme o corpo do torcedor vai ficando mais quente.

Os uniformes mais antigos, ainda feitos de algodão, “pesavam uma barbaridade”, lembra o ex-jogador Valdir de Moraes, que foi goleiro e hoje é auxiliar técnico do Palmeiras. Por isso, a partir dos anos 1980, o poliéster passou a ser o material mais utilizado na confecção dos trajes esportivos. Na Itália, país de vanguarda na moda, o futebol não escapou das agulhas da alta-costura. As camisas mais justas, coladas ao corpo, vestem jogadores de diversos clubes da série A do Calcio – primeira divisão da liga italiana de futebol – e outrora da própria seleção nacional.

A camisa autografada pelo ídolo: mais do que um avanço da tecnologia, uma lembrança sentimental | foto: André Seiti



Nova, a camisa foi poupada à revelia do garoto. Para os treinos no campinho de futebol de seu bairro teve de se contentar com uma camiseta comum. No entanto, o que ele mais precisava para jogar era de suas chuteiras, acomodadas embaixo do braço até que seus pés descalços pisassem o espaço de terra e grama que o aguardava. Calçá-las era um pouco incômodo, mas tolerável.

Sobre as chuteiras antigas, o comentarista da CBN e ex-jogador José Elias Moedim Júnior, o Zé Elias, conta que no início de sua carreira, nos anos 1990, precisava passar sebo nelas para amaciá-las, e até um pouco de álcool para lassar e encaixá-las melhor nos pés.

Sobre as chuteiras antigas, o comentarista da CBN e ex-jogador José Elias Moedim Júnior, o Zé Elias, conta que no início de sua carreira, nos anos 1990, precisava passar sebo nelas para amaciá-las, e até um pouco de álcool para lassar e encaixá-las melhor nos pés. Ainda assim, era um ritual suportável se pensarmos no que já se calçou para jogar futebol profissional. As primeiras chuteiras eram sapatos e botas comuns, que com o tempo ganharam as travas para melhor fixação no terreno.

A variedade de tipos de chuteira atualmente faz parte de um mundo diferente daquele vivenciado pelo ex-arqueiro palmeirense Valdir de Moraes, entre 1947 e 1969. “Joguei numa época em que chuteira só tinha uma, ou duas com muito sacrifício”. Ele explica que eram calçados feitos de um modelo apenas, pretos e cujos cravos eram batidos com martelo pelo roupeiro, por um sapateiro ou pelos próprios jogadores.

Um divisor de águas na evolução das chuteiras veio com Ronaldo Fenômeno, durante sua passagem pela Internazionale de Milão, entre 1997 e 2002. Motivado por seu patrocinador, o atacante passou a utilizar chuteiras de material sintético e feitas sob medida. Desde então, houve grande salto na diversificação de formas, cores e materiais desse objeto. No entanto, os novos modelos que atenderiam a demandas de conforto, performance ou mesmo estilo produziram um equi-

pamento perigoso. As travas transversais, conhecidas como barbatanas de tubarão, que prometiam maior estabilidade, mostraram-se inadequadas à mecânica do corpo do jogador, e lesões de joelho passaram a ocorrer com frequência. Por sorte, a chuteira de couro rígido que o garoto do interior calçava quando criança ainda tinha os cravos redondos comuns.

Esferas de couro

Nos jogos com os outros jovens do bairro havia sempre uma bola de boa qualidade. Mas o garoto nunca deixou de levar a sua, que era quase oval de tanto ser usada como banco. Em uma comparação, sua companheira era certamente mais estranha que a bola oficial da Copa da África, em 2010. A Jabulani não tem, por exemplo, a permeabilidade das antigas bolas de oito gomos usadas na primeira Copa do Mundo, em 1930, as quais ficavam encharcadas quando chovia e pesavam o dobro. Ela também é mais leve que as esferas de couro costuradas à mão, que Charles Miller trouxe para São Paulo, em 1894, ou Oscar Cox para o Rio de Janeiro, em 1897. E é muito mais redonda do que os projetos de bola que os padres jesuítas e seus alunos chutavam no Colégio São Luís, em Itu (SP), em 1870, apontam estudos.



A evolução dos materiais esportivos ampliou a possibilidade de novas jogadas no futebol | foto: stock.xchng

No entanto, a Jabulani não agradou – principalmente aos goleiros, que deram declarações exaltadas à imprensa sobre o objeto. Polêmicas entre as marcas esportivas concorrentes à parte, o comentarista Zé Elias faz uma defesa dessa bola referindo-se às novas exigências técnicas que ela demanda dos jogadores. “Numa partida com ela, a cada dez finalizações de longa distância, somente duas ou três vão em direção ao gol.” Assim, o atleta de linha necessita ter mais precisão. Valdir de Moraes resalta que “as bolas mais modernas só complicam para o goleiro”. No entanto, pondera que esse é o fardo que os jogadores dessa posição carregam.

A evolução da bola cumpriu um dos papéis mais decisivos na transformação do futebol. As possibilidades no jogo se ampliaram enormemente. Arremates e lançamentos de longa distância eram quase impossíveis com as características das bolas antigas,

pesadas e que ganhavam pouco efeito e velocidade. O chute antológico de Pelé contra a Tchecoslováquia na Copa de 1970, por exemplo, não teria sido possível se naquela competição a bola fosse mais pesada que a então inédita bola de 32 gomos. Tampouco aquela patada de Branco contra a Holanda na Copa de 1994 teria sido tão forte com uma bola que tivesse mais de 450 gramas. Agora, se “nada melhora para o goleiro”, como diz Moraes, fica difícil tirar sua razão. Afinal, para que direção se chuta a bola mesmo?

“Iluminação de boate”

A camisa que o garoto ganhou aos 10 anos morou no cabide por mais de um ano, até que ele pudesse levá-la a um estádio, em 1996. A ansiedade era grande, claro. A arquibancada lotada e os gritos da torcida chamaram sua atenção. Mas as bandeiras não eram mais

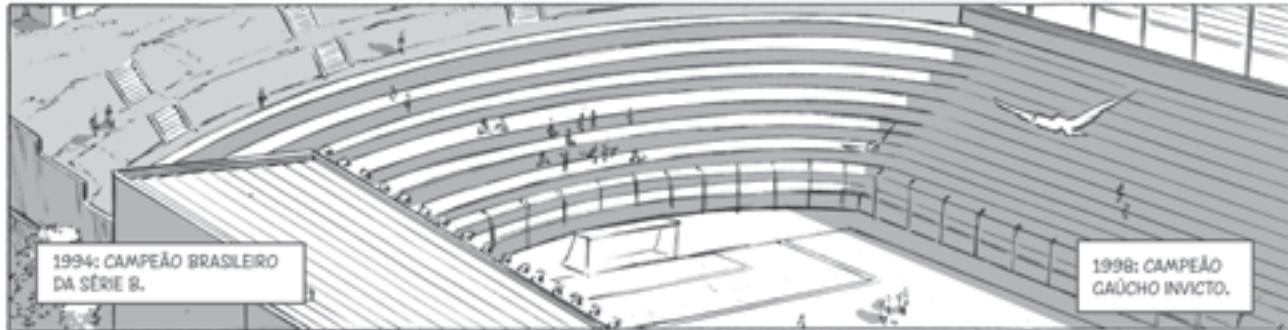
hasteadas, pois com os episódios de violência entre torcidas organizadas uma lei estadual proibiu o uso de varas de bambu nos estádios paulistas, no início dos anos 1990 – assunto que voltou a ser debatido na Assembleia Legislativa no começo de junho deste ano. Apesar dessa proibição e à sombra da animosidade, as torcidas continuaram se reinventando e produziram, além de um festival de bexigas, faixas e fumaças, a maior bandeira do mundo. Criada pela Gaviões da Fiel, ela mede 250 metros de comprimento por 60 de largura e pleiteia crédito no livro dos records.

O gramado não era o tapete que o garoto via na TV, mas, sim, um estádio de verdade. As dimensões que delineiam a pequena área e o círculo central, definidas em 1902 pela International Football Association Board, primeira

instituição que legislou sobre o futebol, estavam naquela ocasião bem marcadas pelas linhas de cal. O campo do estádio Paulo Machado de Carvalho, o Pacaembu, em São Paulo, que mede 104 por 70 metros, é bem menor que os 180 por 90 metros do padrão inglês de 1863. Isso ocorre porque os espaços do campo se reduziram ao longo da história. Mas, no caso da partida a que o menino assistiu em 1996, a redução se deveu a outro motivo: à medida que a garoa paulistana se tornava um temporal, o gramado virava uma grande piscina, trazendo, além do frio, a falta de energia. Quase 30 minutos se passaram para que a luz voltasse e a partida recomeçasse, ainda parcialmente escurecida e sob uma chuva torrencial. O cenário vislumbrado pelo jovem torcedor parece o mesmo de uma partida que Moraes jogou nos anos 1950, com pouca grama na pequena área, o que o obrigava a usar mangas compridas e joelheiras, e sob uma “iluminação de boate”.

Apesar dos cem anos de futebol no Brasil – considerando-se a introdução do esporte por Charles Miller em 1894 –, coroados com a conquista do tetracampeonato mundial, problemas como drenagem ruim do gramado, água empoçada pela arquibancada e falta de energia eram comuns – e continuam sendo – nos estádios brasileiros. Para resolver o déficit de infraestrutura dos espaços esportivos nacionais, algumas empresas de construção civil adotaram o modelo de Arena Verde (Green Building) para as futuras obras de construção e reformas de ginásios e estádios, sobretudo para a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016.

Seca e derrotada, a camisa que o garoto vestia retornou para a gaveta em meio a outras, e com o tempo descansou em proveito dos lançamentos de outros modelos. Quinze anos se foram e, agora adulto, o jovem do interior teve a oportunidade de mostrar sua camisa, de número 5, ao jogador que a vestiu dentro de campo. Às 10 horas da manhã de uma quarta-feira, “Zé da Fiel”, como era chamado em meados dos anos 1990, recebeu este repórter em sua casa. “Para mim é uma honra. É sinal de que tudo que fiz foi feito de coração, puro coração”, disse ele, ao registrar na gola: “Aos amigos de Pindamonhangaba um abraço, Zé Elias.”



FORAM OS DIRIGENTES DO JUVENTUDE QUE PROCURARAM A PARMALAT, ENTÃO PATROCINADORA DO PALMEIRAS. ASSIM COMO O CLUBE PAULISTA, O JUVENTUDE ERA ALVIVERDE E HAVIA SIDO FUNDADO POR IMIGRANTES ITALIANOS. O CONTATO FUNCIONOU E, EM 1993, A PARCERIA FOI OFICIALIZADA. UM ANO DEPOIS, O TIME GAÚCHO CONQUISTOU O TÍTULO DA SÉRIE B DO BRASILEIRÃO, ENTRANDO PARA A ELITE DO FUTEBOL.



UM GRANDE MOMENTO DESSA ÉPOCA FOI A SEMIFINAL DA COPA DO BRASIL. NOSSO ZAGUEIRO TITULAR, O ÍNDIO, NÃO TREINAVA HAVIA DUAS SEMANAS, MAS O PRESIDENTE DO CLUBE ORDENOU QUE ELE SAÍSSE DO DEPARTAMENTO MÉDICO DIRETO PARA O ESTÁDIO.

RICARDO FINGER, FISIOTERAPEUTA DO CLUBE HÁ 15 ANOS.

"ELE JOGOU APENAS 15 MINUTOS, ANTES DE SER SUBSTITUÍDO, PORÉM, DEU UM CARRINHO QUE DEIXOU O ATACANTE ADVERSÁRIO APAGADO PELO RESTO DO JOGO. GANHAMOS DE 4 A 0, FORA DE CASA."



"NA FINAL, ENCARAMOS UM MARACANÃ COM MAIS DE 100 MIL PESSOAS. O JOGO TERMINOU EM 0 A 0 E NÓS FOMOS CAMPEÕES, POIS TINHAMOS A VANTAGEM DO EMPATE."



"UMA CENA MARCANTE DAQUELA TEMPORADA ERAM AS VEZES EM QUE O FLÁVIO, NOSSO CAPITÃO, BUSCAVA A BOLA NO FUNDO DA REDE E A LEVAVA RAPIDAMENTE PARA O CENTRO DO CAMPO QUANDO TOMÁVAMOS GOL. ELE ERA O VERDADEIRO TRENADOR DO TIME."



A MOTIVAÇÃO DAQUELA EQUIPE ERA MUITO FORTE.

E COMO FOI QUANDO O TIME CAIU PARA A SÉRIE B?

PARECIA QUE O MUNDO TINHA ACABADO, QUE ISSO MUDARIA TODA A ESTRUTURA DO CLUBE.

NO INÍCIO DOS ANOS 2000, A PARMALAT, EM CRISE, ENCERROU AS PARCERIAS COM CLUBES DE FUTEBOL. SENDO OBRIGADO A ANDAR COM AS PRÓPRIAS PERNAS, O JUVENTUDE INICIOU UM PERÍODO MARCADO POR CAMPANHAS INCONSTANTES.



EM 2007, DEPOIS DE 13 ANOS COMPETINDO NA PRIMEIRA DIVISÃO DO FUTEBOL BRASILEIRO, O CLUBE FOI REBAIXADO PARA A SÉRIE B.



EDGAR VAZ, ASSESSOR DE IMPRENSA DO JUVENTUDE.

O REBAIXAMENTO PREJUDICOU AS FINANÇAS. SÓ NÃO FOI PIOR PORQUE TINHAMOS UM CENTRO DE TREINAMENTO DE 29 HECTARES, QUE VENDEMOS POR R\$ 52 MILHÕES. ATÉ HOJE O CLUBE RECEBE DINHEIRO DA VENDA.



TIVEMOS A SORTE DE ENCONTRAR ESTE TERRENO AQUI, QUE TEM 52 HECTARES, QUASE O DOBRO DO ANTERIOR. E CUSTOU APENAS R\$ 8 MILHÕES.

A PARMALAT NÃO ERA SÓ PATROCINADORA, MAS TAMBÉM COGESTORA DO CLUBE. POR ISSO, QUANDO A PARCERIA ACABOU, FICOU UM VAZIO.

O JOGADOR LAURO, ÍDOLO DO JUVENTUDE DESDE OS TEMPOS DA PARMALAT, SIMBOLIZOU O NOVO MOMENTO DO CLUBE. NA FINAL DO GAUCHÃO 2008, ELE ENTROU EM CAMPO CELEBRANDO 500 PARTIDAS COM A CAMISA ALVIVERDE. TODOS ESPERAVAM UM JOGO EQUILIBRADO, MAS O QUE SE PRESENÇOU FOI JUSTAMENTE O CONTRÁRIO.



NO FIM DO MESMO ANO, O JUVENTUDE ESTEVE MUITO PERTO DE VOLTAR PARA A SÉRIE A DO CAMPEONATO BRASILEIRO. TODOS ACHARAM, ENTÃO, QUE O RETORNO TINHA SIDO ADIADO PARA 2009.

NO ANO PASSADO, O TIME VINHA MAL, MAS A DIFERENÇA ENTRE OS PRIMEIROS E OS ÚLTIMOS COLOCADOS ERA PEQUENA. NO FUNDO, AS PESSOAS SABIAM QUE O TIME NÃO SERIA REBAIXADO PARA A SÉRIE C.



CLÁUDIO JÚNIOR SPIGOLON, O DINHO, PRESIDENTE DA TORCIDA MANCHA VERDE.

HÁ QUEM CREDITE O INESPERADO REBAIXAMENTO À SÉRIE C A UMA DESASTROSA ADMINISTRAÇÃO DO DEPARTAMENTO DE FUTEBOL.



EM 2009, PASSARAM PELO TIME 44 JOGADORES E 4 TRENADORES. "NINGUÉM SE SENTIA SEGURO NO TRABALHO", RELEMBRA FINGER.



E HOJE?
SE A DESMOTIVAÇÃO NA SÉRIE B ERA TÃO GRANDE...



...ONDE ENCONTRAR FORÇAS PARA DISPUTAR A SÉRIE C?



ATÉ 5 DE SETEMBRO

AUTONOMIA CIBERNÉTICA

Um robô desenha rostos. Sistemas inteligentes conversam com o público.
Plantas tremem em reação à poluição.
Novas tecnologias criam obras jamais imaginadas.
Venha conhecer a arte do amanhã.

Bion (2006).
Adam Brown e Andrew Fagg.
*Bion é uma instalação interativa que explora
a relação entre humanos e vida artificial.*

[**emoção art.ficial 5.0**]
bienal internacional de arte e tecnologia

 CLASSIFICAÇÃO PARA FOMOS DE PÚBLICO

 itaucultural.org.br twitter.com/itaucultural youtube.com/itaucultural facebook.com/itaucultural

entrada franca

av. paulista 1493 - são paulo - sp | (instalação brigadeiro do metro) - terça a sexta das 9h às 20h - sábados/domingos/feriados das 11h às 20h - atendimento@itaucultural.org.br

Itaú Cultural
ISO 9001



Itaú
cultural